

Pedro Jorge Richheimer Marta de Sequeira

ANÁLISE DO PENSAMENTO, DA ACÇÃO E DA REACÇÃO NO FEEDBACK NOS TREINADORES DE ANDEBOL DOS ESCALÕES DE FORMAÇÃO

Dissertação elaborada sob orientação do Professor
Doutor José de Jesus Fernandes Rodrigues, com
vista à obtenção do grau de Mestre em
Gestão da Formação Desportiva



Júri:

Professor Doutor Pedro Augusto Cordeiro Sarmiento
Professora Doutora Chantal Amade Escot
Professor Doutor António Fernando Boleto Rosado
Professor Doutor José de Jesus Fernandes Rodrigues

**UNIVERSIDADE TÉCNICA DE LISBOA
FACULDADE DE MOTRICIDADE HUMANA**

1998

ÍNDICE GERAL

ÍNDICE GERAL.....	i
ÍNDICE DE QUADROS	v
ÍNDICE DE FIGURAS	vii
ÍNDICE DE AUTORES	viii
ÍNDICE DE ABREVIATURAS.....	xi
AGRADECIMENTOS	xii
INTRODUÇÃO.....	1
PARTE I.....	4
REVISÃO DA LITERATURA.....	4
1. <i>Introdução.....</i>	<i>4</i>
2. <i>Paradigmas de Pesquisa da Pedagogia do Desporto</i>	<i>4</i>
3. <i>O Pensamento do Treinador.....</i>	<i>11</i>
3.1. <i>O Planeamento e as Decisões de Ensino</i>	<i>12</i>
3.2. <i>A Entrevista.....</i>	<i>13</i>
4. <i>O Feedback.....</i>	<i>14</i>
4.1. <i>O Feedback no Treino</i>	<i>15</i>
4.2. <i>A Formação de Treinadores</i>	<i>17</i>
PARTE II.....	19
OBJECTO DE ESTUDO	19
1. <i>Objectivo do Estudo.....</i>	<i>19</i>
1.1. <i>Introdução</i>	<i>19</i>
1.1.1. <i>A escolha da Modalidade - Andebol</i>	<i>20</i>
1.1.2. <i>A Formação profissional dos Treinadores de Andebol</i>	<i>21</i>
1.1.3. <i>Os conteúdos do treino</i>	<i>21</i>
1.2. <i>Enunciado do Problema.....</i>	<i>21</i>
1.3. <i>Hipóteses e Justificações.....</i>	<i>22</i>
1.4. <i>Limitações do Estudo</i>	<i>24</i>
PARTE III.....	26
MÉTODOS E PROCEDIMENTOS.....	26
1. <i>Introdução.....</i>	<i>26</i>

2. <i>Caracterização da Amostra</i>	26
2.1. Os Treinadores	26
2.1.1. As Equipas.....	27
2.1.2. Os Treinos	27
3. <i>As Variáveis</i>	28
3.1. Variáveis de presságio.....	28
3.2. Variáveis de contexto	28
3.3. Variáveis de programa.....	28
3.4. Variáveis de processo.....	29
4. <i>As Filmagens</i>	30
4.1. As Limitações das Filmagens.....	30
4.2. Material Utilizado	31
5. <i>O Sistema de Observação</i>	31
5.1. Objectivos	31
5.2. Definição das Categorias.....	31
5.3. Objectividade do Sistema de Observação	35
5.3.1. Validade	35
5.3.1.1. Validade Aparente	35
5.3.1.2. Validade de Construção.....	35
5.3.1.3. Validade de Conteúdo	36
5.3.1.4. Validade Concorrente.....	36
6. <i>Fidelidade</i>	36
6.1. <i>Fidelidade Intra-Observador</i>	36
6.2. <i>Fidelidade Inter-Observador</i>	37
7. <i>As Condições de Observação</i>	37
7.1. Amostragem Temporal.....	37
7.2. Protocolo de Codificação	38
7.3. Registo das Observações	38
8. <i>Treino de Observadores</i>	38
9. <i>A Entrevista</i>	39
9.1. Estrutura das entrevistas.....	39
9.2. Momentos de aplicação das entrevistas.....	39
9.3. Condições de aplicação das entrevistas	40
9.4. Momentos de recolha	40
9.5. Procedimentos de recolha.....	40
10. <i>Análise das Entrevistas</i>	41
10.1. Método de análise.....	41
10.2. Sistemas de categorização das decisões pré-interactivas.....	42
10.3. Validade e Fidelidade	43
11. <i>Tratamento dos Dados e Procedimentos Estatísticos</i>	45
PARTE IV	46
APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	46
<i>CAPÍTULO I – Análise multidimensional do Feedback entre os Treinadores Professores de Educação Física e os Treinadores</i>	46
1. Introdução	46
2. Análise descritiva da análise multidimensional do Feedback entre os Treinadores Professores de Educação Física.....	46

2.1. Dimensão Conteúdo	47
2.2. Dimensão Valor.....	48
2.3. Dimensão Objectivo	48
2.4. Dimensão Forma	48
2.5. Dimensão Direcção	49
2.6. Atenção do Atleta.....	49
2.7. Reacção do Atleta.....	49
3. Análise descritiva da análise multidimensional do Feedback entre os Treinadores.	50
3.1. Dimensão Conteúdo	51
3.2. Dimensão Valor.....	51
3.3. Dimensão Objectivo	51
3.4. Dimensão Forma	52
3.5. Dimensão Direcção	52
3.6. Atenção do Atleta.....	52
3.7. Reacção do Atleta.....	52
4. Comparação entre os Treinadores Professores de Educação Física e os Treinadores, no que diz respeito à análise multidimensional do Feedback.	53
<i>CAPÍTULO II – Análise das Dimensões Conteúdo e Valor nas quatro situações do treino: na Prática dos Fundamentos, na Competição Simples (1x1, 2x2, etc.), na Competição Formal ou Completa (Jogo Formal) e nas Actividades Não-Específicas.</i>	<i>58</i>
1. Introdução	58
2. Dimensão Conteúdo	58
2.1. Feedback Específico Global.....	59
2.2. Feedback Específico Focado	59
2.3. Feedback Não-Específico.....	60
3. Dimensão Valor.....	60
3.1. Feedback Adequado	61
3.2. Feedback Incompleto	61
3.3. Feedback Inadequado	61
4. Comparação dentro das Dimensões Conteúdo e Valor entre as quatro situações do treino: na Prática dos Fundamentos, na Competição Simples (1x1, 2x2, etc.), na Competição Formal ou Completa (Jogo Formal) e nas Actividades Não-Específicas.....	62
<i>Capítulo III - Análise multidimensional do Feedback entre os Treinadores Professores de Educação Física e os Treinadores nas diferentes partes do treino, relativamente às Dimensões Conteúdo e Valor.</i>	<i>64</i>
1. Introdução	64
2. Análise descritiva da análise multidimensional do Feedback entre os Treinadores Professores de Educação Física nas diferentes partes do treino, nas Dimensões Conteúdo e Valor.	64
2.1. Dimensão Conteúdo	64
2.1.1 Feedback Específico Global.....	65
2.1.2 Feedback Específico Focado	65
2.1.3 Feedback Não-Específico.....	66
2.2. Dimensão Valor.....	66
2.2.1. Feedback Adequado	67
2.2.2. Feedback Incompleto	67
2.2.3. Feedback Inadequado	68
3. Análise descritiva da análise multidimensional do Feedback entre os Treinadores nas diferentes partes do treino, nas Dimensões Conteúdo e Valor.	68
3.1. Dimensão Conteúdo	68
3.1.1. Feedback Específico Global.....	69
3.1.2. Feedback Específico Focado	69
3.1.3. Feedback Não-Específico.....	69
3.2. Dimensão Valor.....	70
3.2.1. Feedback Adequado	70
3.2.2. Feedback Incompleto	71
3.2.3. Feedback Inadequado	71

4. Comparação entre os Treinadores e os Treinadores Professores de Educação Física nas diferentes partes do treino, nas Dimensões Conteúdo e Valor.....	71
CAPÍTULO IV – <i>Análise da Atenção e Reacção do Atleta ao Feedback entre os dois grupos de Treinadores.</i>	73
1. Introdução	73
2. Análise descritiva da Atenção e Reacção do Atleta ao Feedback entre os Treinadores Professores de Educação Física.	73
2.1. Atenção do Atleta ao Feedback.	74
2.2. Reacção do Atleta ao Feedback.	74
3. Análise descritiva da Atenção e Reacção do Atleta ao Feedback entre os Treinadores.	75
3.1. Atenção do Atleta ao Feedback.	75
3.2. Reacção do Atleta ao Feedback.	76
4. Comparação entre os Treinadores Professores de Educação Física e os Treinadores na Atenção e Reacção do Atleta ao Feedback.	76
CAPÍTULO V – <i>Análise da taxa de Feedback/minuto entre os dois grupos de Treinadores.</i>	79
1. Introdução	79
2. Análise descritiva da taxa de Feedback/minuto entre os Treinadores Professores de Educação Física.	79
3. Análise descritiva da taxa de Feedback/minuto entre os Treinadores.	79
4. Comparação entre os Treinadores Professores de Educação Física e os Treinadores na taxa de Feedback/minuto.	80
CAPÍTULO VI – <i>Análise da relação entre as decisões pré-interactivas e o comportamento interactivo do Treinador.</i>	82
1. Introdução	82
2. Análise descritiva das decisões pré-interactivas do Treinador.	82
2.1. Objectivo do treino.	83
2.2. Estrutura do treino	84
2.3. Aspectos Críticos neste treino	84
2.4. Estratégias para fazer face a estes aspectos Críticos	84
2.5. Reacção dos Atletas a este treino	85
2.6. Importância do Feedback	85
2.7. Objectivo do Feedback	85
2.8. Forma do Feedback	86
2.9. Reacção dos Atletas ao Feedback.	86
3. Relação entre as decisões pré-interactivas e o comportamento interactivo do Treinador	86
CONCLUSÕES.....	89
1. <i>Resumo do estudo.</i>	89
2. <i>Conclusões</i>	90
3. <i>Recomendações</i>	95
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	97
Anexos.....	105

ÍNDICE DE QUADROS

Quadro 1 – Caracterização dos Treinadores.....	27
Quadro 2 – Distribuição dos Treinadores pelos Distritos de Lisboa e Setúbal, e pelo Escalão de Formação	27
Quadro 3 – Fidelidade Intra-Observador	37
Quadro 4 – Fidelidade Inter-Observador	37
Quadro 5 – Valores médios totais das frequências do Feedback em todas as Dimensões e Categorias, entre os Treinadores Professores de Educação Física.	47
Quadro 6 – Valores médios totais das frequências do Feedback em todas as Dimensões e Categorias, entre os Treinadores.....	50
Quadro 7 – Comparação entre os dois grupos de Treinadores, em todo o treino, em todas as Dimensões e Categorias.	54
Quadro 8 - Valores médios, em termos percentuais, e desvio padrão, obtidos em cada uma das quatro partes do treino, nas três Categorias da Dimensão Conteúdo, no total dos Treinadores.....	59
Quadro 9 - Valores médios, em termos percentuais, e desvio padrão, obtidos em cada uma das quatro partes do treino, nas três Categorias da Dimensão Valor, no total dos Treinadores.	60
Quadro 10 – Comparação dentro das Dimensões Conteúdo e Valor entre as diferentes partes do treino.	62
Quadro 11 – Aplicando o teste de Schéffé, para um nível de significância de 0,05, revelam-se diferenças significativas entre as partes do treino	62
Quadro 12 – Comparação entre os dois grupos de Treinadores, nas quatro partes do treino, nas Dimensões Conteúdo e Valor.	72
Quadro 13 – Valores médios totais das frequências do Feedback na Dimensão Atenção, entre os Treinadores Professores de Educação Física.....	74
Quadro 14 – Valores médios totais das frequências do Feedback na Dimensão Reacção, entre os Treinadores Professores de Educação Física.....	75
Quadro 15 – Valores médios totais das frequências do Feedback na Dimensão Atenção, entre os Treinadores.	75

Quadro 16 – Valores médios totais das frequências do Feedback na Dimensão Reacção, entre os Treinadores.	76
Quadro 17 – Comparação entre os dois grupos de Treinadores, em todo o treino, nas Dimensões Atenção e Reacção.	77
Quadro 18 – Comparação entre os dois grupos de Treinadores na taxa de Feedback/minuto.....	80
Quadro 19 – Resultados da Entrevista.....	83
Quadro 20 – Relação entre as decisões pré-interactivas e a fase interactiva, nas Dimensões Estrutura do Treino, Objectivo do Feedback e Reacção dos Atletas ao Feedback.	87

ÍNDICE DE FIGURAS

Gráfico 1 - Comparação entre os dois grupos de Treinadores, na Dimensão Conteúdo, em termos de taxa de Feedback/minuto.	55
Gráfico 2 - Comparação entre os dois grupos de Treinadores, na Dimensão Valor, em termos de taxa de Feedback/minuto.	55
Gráfico 3 - Comparação entre os dois grupos de Treinadores, na Dimensão Objectivo, em termos de taxa de Feedback/minuto.	56
Gráfico 4 - Comparação entre os dois grupos de Treinadores, na Dimensão Atenção do Atleta, em termos de taxa de Feedback/minuto.	57
Gráfico 5 - Comparação entre os dois grupos de Treinadores, na Dimensão Reacção do Atleta, em termos de taxa de Feedback/minuto.	57
Gráfico 6 - Valores médios obtidos em cada uma das quatro partes do treino, nas três Categorias da Dimensão Conteúdo, nos Treinadores Professores de Educação Física.	65
Gráfico 7 - Valores médios obtidos em cada uma das quatro partes do treino, nas três Categorias da Dimensão Valor, nos Treinadores Professores de Educação Física.	67
Gráfico 8 - Valores médios obtidos em cada uma das quatro partes do treino, nas três Categorias da Dimensão Conteúdo, nos Treinadores.	68
Gráfico 9 - Valores médios obtidos em cada uma das quatro partes do treino, nas três Categorias da Dimensão Valor, nos Treinadores.	70

ÍNDICE DE AUTORES

Adams, J. 15, 97
Ashworth, S. 12, 100
Bardin, L. 41, 97
Barr, P. 17, 97
Bennett, N. 15, 97
Berliner, D. 9, 97
Biklen, S. 42, 97
Bloom, B. 6, 15, 97
Bogban, R. 42, 97
Borko, H. 42, 99
Boutin, G. 99
Bozzi, G. 21, 29, 101
Buschner, C. 102
Campenhoudt, L. 101
Carreiro da Costa, F. 5, 11, 16, 31, 36, 89, 97, 101
Carroll, J. 15, 98
Clark, C. 11, 98
Cloes, M. 9, 100
Delmelle V. 100
Delmelle, R. 100
Devillers, C. 16, 31, 36, 89, 100
Dick, W. 15, 103
Dickie, K. 8, 99
Eldar, E. 10, 103
Gentile, A. 15, 98
Geoaris, A. 101
Goc-Karp, G. 11, 98
Gonçalves, C. 16, 23, 81, 98
Goyette, G. 99

Graber, K. 42, 98
 Griffey, D. 9, 98, 99
 Guimarães, A. 16, 20, 23, 31, 36, 81, 89, 98
 Hoffman, S. 14, 19, 98
 Housner, L. 9, 17, 98, 99
 Hunt, E. 18, 103
 Januário, C. 11, 13, 24, 39, 43, 44, 88, 89, 99
 Jones, D. 17, 99
 Kornspan, A. 17, 99
 Lessard-Herbert, M. 99
 Levie, W. 8, 99
 Livingston, C. 42, 99
 Marczinka, Z. 32, 99
 Markland, R. 15, 20, 99
 Martens, R. 1, 99
 Martinek, T. 15, 20, 99
 Mertler, C. 17, 100
 Milho, C. 16, 81, 100
 Moreira, M. 19, 100
 Moser, T. 15, 100
 Mosston, M. 12, 100
 Neto, C. 16, 31, 36, 89, 101
 Pieron, M. 5, 6, 7, 8, 9, 10, 16, 21, 23, 29, 31, 36, 54, 63, 89, 100, 101
 Pina, R. 77, 102
 Quina, J. 20, 22, 81, 101
 Quivy, R. 13, 101
 Renson, D. 23, 63, 101
 Ribeiro, M. 101
 Rodrigues, J. 4, 5, 6, 8, 10, 16, 17, 20, 22, 23, 77, 102
 Rosado, A. 16, 20, 22, 23, 31, 36, 54, 89, 102
 Rupert, T. 102
 Saraiva, C. 13, 42, 43, 103

Sarmento, P. 103
Siedentop, D. 10, 37, 103
Singer, R. 15, 103
Smith, R. 18, 20, 103
Smoll, B. 18, 20, 103
Tochon, F. 12, 103
Yinger, R. 11, 98
Zakrajsek, D. 98

ÍNDICE DE ABREVIATURAS

A - Apropriado
AN - Avaliativo Negativo
ANE - Actividades Não-Específicas
AP - Avaliativo Positivo
AT - Atento
AT - Audio-Táctil
AV - Audio-Visual
C - Colectivo
CS - Competição Simples
D - Descritivo
D.P. - Desvio Padrão
DA - Desatento
DES - Desapropriado
EF - Específico Focado
EG - Específico Global
G - Grupo
I - Indeterminado
IN - Individual
INC - Incompleto
INT - Interrogativo
JF - Jogo Formal
MC- - Modifica o Comportamento Negativamente
MC+ - Modifica o Comportamento Positivamente
Méd. - Média
NE - Não-Específico
NMC - Não modifica o Comportamento
P - Prescritivo
PF - Prática de Fundamentos
Q - Quinestésico
VE - Verbal
VI - Visual

AGRADECIMENTOS

Não posso começar este estudo sem deixar de prestar um agradecimento particular a um conjunto de pessoas que mais directamente estiveram envolvidos, nomeadamente:

1. Ao Professor Doutor José Rodrigues, não só pela orientação, mas, acima de tudo, pela disponibilidade e empenho apresentado, em todos os momentos deste longo percurso.
2. Aos Professores Doutores António Rosado e Carlos Colaço, pela disponibilidade e interesse manifestados em relação a este trabalho.
3. Aos oito Treinadores que colaboraram neste trabalho, e cujas identidades não revelo, por me manter fiel ao compromisso de anonimato, pela sua disponibilidade e por terem colocado os seus treinos e Atletas ao meu dispor. Sem eles, este trabalho dificilmente teria chegado “a bom porto”.
4. À minha esposa São pelo enorme apoio que me deu durante estes mestrado, pois a sua colaboração, carinho e compreensão foram indispensáveis em todos os momentos, principalmente nos mais difíceis. Muito Obrigado!
5. Aos meus pais e irmão por todo o apoio e motivação que me deram neste passo importante da minha vida.
6. Aos meus colegas de mestrado Rui Alves e Luís Moreira, que através dos seus preciosos conselhos e ajudas permanentes permitiram que este trabalho percorresse sempre um bom caminho.

7. À Federação Portuguesa de Andebol pela disponibilidade em apoiar a elaboração desta tese.
8. A todos os outros colegas do Mestrado em Gestão da Formação Desportiva.

INTRODUÇÃO

“Coaching is communication. Every act of coaching requires you to communicate. Successful coaches are masterful communicators.”

Martens (1997)

As características do Treinador, a sua formação e experiência, assim como as qualidades físicas, técnicas, psicológicas, entre outras, dos Atletas, são determinantes no sucesso desportivo e na relação pedagógica em Desporto.

A relação pedagógica, entre Treinador e Atleta, irá influenciar tudo aquilo que se passa antes, durante e após o treino.

São muitos os factores inerentes à relação pedagógica, no entanto, existe um que é preponderante em qualquer tipo de relação, seja ela pedagógica ou não, que é a comunicação.

A arte de saber comunicar poderá influenciar, positiva ou negativamente, a prestação de um Atleta.

Para Martens (1997), não chega aos Treinadores apenas dominar o envio, o conteúdo e a parte verbal, mas também a recepção, a parte não verbal e a parte psicológica de uma comunicação.

O Feedback é um dos instrumentos que o Treinador utiliza para comunicar com o Atleta no processo da relação pedagógica.

É através do Feedback que o Atleta tem possibilidades de evoluir em termos psicomotores, pois só assim é que ele obtém informações acerca das suas prestações.

Será que o Treinador está apto a emitir Feedbacks apropriados? Sabe quando os utilizar e quais as suas consequências? Será que o Treinador tem uma formação desportiva e pedagógica que influencie positiva ou negativamente a prescrição de Feedbacks?

A investigação científica tem se debruçado sobre o Feedback mais ao nível da Educação Física e dos seus profissionais. Mas assim como é importante o Feedback no desempenho dos alunos nas aulas de Educação Física, também o parece ser durante os treinos desportivos. Afinal, em ambos os casos, o Feedback tem o mesmo objectivo: auxiliar os Atletas/Alunos a desenvolverem as suas habilidades psicomotoras.

Os estudos sobre o Feedback costumam apenas abordar a sua utilização durante o treino ou a aula de Educação Física. Actualmente, a investigação tem abordado, não só aquilo que se passa durante a fase interactiva, o treino ou a aula, mas também aquilo que ocorre antes e depois da fase interactiva.

Este estudo pretende, não só abordar a análise multidimensional do Feedback em situações de treino de Andebol, nos escalões de formação, mas também analisar o que os Treinadores pensam antes do treino.

Iremos, também, aproveitar para confrontar Treinadores com duas formações distintas, ao nível universitário e ao nível federativo, como forma de verificar qual a influência da formação dos Treinadores num instrumento tão importante como parece ser o Feedback.

O estudo deste tema parece-nos de grande importância, na medida que permitirá abordar e aprofundar o estudo sobre o Feedback em situação de treino desportivo, ao mesmo tempo que permitirá introduzir uma nova perspectiva na abordagem ao Feedback – são as decisões tomadas antes da emissão dos Feedbacks.

Pretendemos, com este estudo, contribuir para a pesquisa sobre a utilização do Feedback, no treino nos escalões de formação, e sobre o pensamento do Treinador antes do treino. Para além disto, pretendemos também contribuir para a análise da influência da formação profissional no processo ensino-aprendizagem.

PARTE I

REVISÃO DA LITERATURA

1. Introdução

Pretende-se, neste capítulo, situar o desenvolvimento da pesquisa no processo pedagógico em Desporto.

Numa primeira parte, iremos apresentar os principais paradigmas utilizados na investigação pedagógica em Desporto, baseado em Piéron (1993).

Numa segunda parte, iremos abordar os temas relacionados com o nosso estudo: o Treino com Escalões de Formação, o Feedback e o Pensamento do Treinador.

2. Paradigmas de Pesquisa da Pedagogia do Desporto

Para Rodrigues (1997), *“a aplicação dos paradigmas de pesquisa da Pedagogia Geral, à análise do ensino da Educação Física, poderá ser benéfica pois enquadra devidamente o pensamento científico e sistémico relativamente às principais variáveis que são típicas do processo de ensino referido. Posteriormente, a adaptação destes últimos paradigmas ao processo de treino em Desporto, nomeadamente na análise da relação Treinador-A atleta e suas consequências no rendimento desportivo, abre perspectivas até agora inexploradas e inovadoras.”*

Assim, e apesar dos paradigmas da Pedagogia do Desporto estarem fundamentados nos modelos de investigação no sistema educativo, especificamente na Educação Física, julgamos interessante apresentá-los de forma a permitir o entendimento da sua aplicação ao Desporto.

Segundo Pieron (1993), na pesquisa pedagógica em Educação Física têm sido utilizados diversos paradigmas que, de certa forma, têm origem nos modelos de investigação apresentados pela Pedagogia Geral.

A maior parte dos estudos situam-se sobre os modelos típicos de “Descrição-Correlação-Experimentação”, apresentado por Rosenshine & Furst (1973), ou “Presságio-Processo-Produto” descrito por Mitzel (1960), no Quadro da relação educativa para o ensino em geral, e adaptado e especificado por diversos autores ao nível do processo de ensino da Educação Física (Carreiro da Costa, 1988; Pieron, 1976, 1982, 1986; Tousignant & Brunelle, 1982).

Ultimamente, temos assistido a uma diversificação dos modelos de pesquisa, que completam ou se associam aos paradigmas anteriormente referidos: a pesquisa etnográfica, o paradigma dos processos mediadores e a pesquisa sobre Mestres/”Experts”.

Este tratamento analítico vai incidir, preferencialmente, sobre os Treinadores e os Atletas. Assim, substituímos os Professores de Educação Física e os Atletas pelos Treinadores e Atletas, respectivamente.

Como refere Rodrigues (1997), *“embora possamos afirmar que existem algumas semelhanças com a análise do processo de ensino de Educação Física, parece-nos que é possível construir um discurso explicativo independente face às especificidades que este fenómeno apresenta. Que são, por exemplo, as diferenças essenciais nos objectivos, a quantidade restrita de Atletas, o nível de desempenho dos Atletas, a sua motivação.”*

A aplicação do modelo de investigação “Descrição-Correlação-Experimentação”, proposto por Rosenshine & Furst (1973) ao processo de treino em Desporto, coloca-nos perante três elementos fundamentais de pesquisa:

1. A descrição do processo relacional Treinador-Atleta, desenvolvendo métodos e procedimentos qualitativos e quantitativos.
2. A relação entre as variáveis descritivas do processo pedagógico em Desporto e os seus resultados, medidos através dos ganhos de prestação, ou da modificação comportamental.
3. A pesquisa que, controlando algumas variáveis do processo de treino, realiza uma certa manipulação de outras variáveis, aplicando modelos de análise estatística para interpretação dos resultados.

Esta abordagem sequencial não é, necessariamente, fixa. Pode-se, por exemplo, utilizar os resultados de estudos experimentais, para desenvolver um novo instrumento de observação. Estas etapas não são isoladas umas das outras - a investigação a um nível pode depender das implicações dos outros dois níveis.

Adaptando de Pieron (1993), podemos dizer que as variáveis de presságio dizem respeito às características do Treinador, que podem exercer influência nos efeitos do treino, tais como: a formação inicial do Treinador; a experiência profissional acumulada no processo do treino; as características pessoais como a motivação, a inteligência, a personalidade, os valores e as atitudes, entre outras.

Vários autores afirmam, frequentemente, que a investigação sobre estas variáveis tem sido pouco utilizada, pelo facto de considerarem diminuta a sua influência no processo pedagógico. Em geral, as relações “presságio-produto” são falíveis. As características dos Treinadores raramente explicam mais de 5% da variância do rendimento dos Atletas (Bloom, 1979).

Por outro lado, enquanto que a formação dos Professores de Educação Física tem obedecido, nos últimos anos, a um plano de formação semelhante nas diversas Instituições que o fornecem, a formação dos Treinadores é muito diversificada.

Para Rodrigues (1997), *“o processo de creditação dos Treinadores é ainda pouco objectivo em muitos casos, pelo que carece de investigação a influência que certos*

modelos e práticas de formação têm sobre a capacidade técnica e cognitiva dos Treinadores”.

É importante investigar qual a influência que certas correntes metodológicas têm na formação dos Treinadores.

Pensamos que estas variáveis poderão ter uma maior influência no processo pedagógico do treino e nos resultados a atingir.

Assim, o esclarecimento dos valores e das atitudes dos Treinadores pode contribuir para a interpretação dos comportamentos e decisões destes, relativamente à sua relação com os Atletas em treino.

As variáveis de processo dizem respeito aos comportamentos e interações que podem acontecer no treino, essencialmente a relação Treinador-Atleta.

As variáveis de produto concernem os resultados do processo ensino-aprendizagem. Estas variáveis reflectem as aprendizagens e ganhos dos Atletas, a melhoria das qualidades físicas e técnicas, etc.

As variáveis de contexto referem-se às condições em que o treino decorre. Identificamos factores como os equipamentos e instalações, as características dos Atletas, entre outros.

Segundo Pieron (1986), estas variáveis constituem factores independentes do Professor, mas que deveriam exercer um impacto no processo e na qualidade do ensino.

Tousignant & Brunelle (1982), propõem a separação entre as variáveis de programa e de contexto. Esta afirmação pode ser suportada por outros estudos no ensino da Educação Física, como Pieron (1982) ou Telama, Pauku, Varstala & Paananen (1982).

As variáveis de programa são variáveis dependentes do poder de decisão dos Treinadores.

Como refere Rodrigues (1997), apesar de existirem poucos estudos no paradigma da Observação Etnográfica aplicados ao Desporto, é importante referi-lo, pois, ao nível da Educação Física tem tido um certo impacto no domínio do ensino.

As descrições críticas e minuciosas obtidas, segundo Pieron (1993), através da observação etnográfica, podem contribuir para explicar aquilo que se passa na sala de aula/local de treino.

Mais do que outro processo de pesquisa, a observação etnográfica tem como imposição não modificar o ambiente escolar, os sujeitos que participam no acto educativo, as actividades e, mais que tudo, entre os diversos elementos em presença. Estas condições, não parecem diferir daquelas que todos os observadores utilizam nos sistemas de observação para registar comportamentos na sala de aula (Pieron, 1993).

Julgamos que a aplicação ao treino Desportivo poderá ser de grande interesse, em virtude ao contexto específico de cada processo de treino.

Os Processos Mediadores são definidos, de uma forma geral e segundo Levie e Dickie (1973), como o processo de mediação entre o estímulo pedagógico e a aprendizagem dos Atletas.

Apesar da sua origem se situar na aprendizagem da leitura, o conceito é interessante.

Numa relação pedagógica, o Treinador emite um estímulo que tem como objectivo provocar, no Atleta, uma resposta motora ou verbal. Os processos que decorrem entre os estímulos e as respectivas respostas são denominados Mediadores. São processos mentais de tratamento de informação, que tratam de reconhecer a mensagem emitida pelo Treinador, e seleccionam o que for importante para o desenrolar da tarefa.

O paradigma sobre os Mestres (“Experts”) tem como objectivo compreender melhor o caminho que um Professor/Treinador deverá percorrer até se tornar um Mestre no seu ofício.

Na pedagogia das actividades físicas e desportivas, este paradigma tem sido utilizado para expor as diferenças entre Professores “experts” e Professores inexperientes:

- Em matéria de planificação (Housner & Griffey, 1985; Griffey & Housner, 1991)
- Na maneira de pensar o ensino (Lynn, French, Rink, Lee & Solomon, 1990, citados por Pieron, 1993)
- No comportamento na sala de aula perante a turma (Piéron & Cloes, 1981; Piéron & Delmelle, 1982; Piéron, 1982; Piéron & Georis, 1983; Piéron & V. Delmelle, 1983; Piéron & R. Delmelle, 1983; Housner & Griffey, 1985; Griffey & Housner, 1991)
- Nas suas decisões (Graham, Hopple, Manross & Sitzman, 1993)

Berliner (1986), resume as características do Professor “expert” a partir de uma análise sobre o conteúdo de “expertise” noutros domínios. Assim, os “experts”:

- Efectuam inferências de casualidade sobre acontecimentos aos quais os “inexperientes” se limitam a observar superficialmente.
- Colocam os problemas pela sua verdadeira importância, enquanto os “inexperientes” identificam-nos a partir das evidências superficiais.
- Possuem padrões rápidos e precisos de resposta a situações de ensino.
- Elaboram representações dos problemas pedagógicos.
- Apresentam mecanismos de auto-regulação e avaliação dinâmica e eficaz.
- Constróem a sua competência progressivamente durante um longo período de tempo e durante uma importante quantidade de prática.

Uma das dificuldades deste tipo de pesquisas é o de identificar e caracterizar o conceito de “expert” e “inexperiente”.

Pieron (1993), considera que a escolha de “experts” obedece a alguns critérios de selecção, tais como: recomendação por supervisores universitários, reconhecimento por supervisores universitários e o currículo pessoal revelando o envolvimento nos processos de formação contínua dos seus colegas. O Professor “inexperiente” é um Professor ainda em formação ou em início de carreira.

Siedentop & Eldar (1989) apresentam uma interpretação da noção de “expertise” ao nível do comportamento, adaptado por Rodrigues (1997) ao treino desportivo:

- Uma capacidade de discriminações mais finas e precisas, tornando melhor a qualidade do julgamento, fundamental no processo de treino.
- Uma capacidade de resposta mais apurada e rápida, apresentando uma melhor antecipação e velocidade de Reacção às situações.
- Um repertório técnico mais apurado e extenso, permitindo uma maior selecção de respostas perante a situação.
- Uma capacidade de analisar a situação para além do imediatismo que o estímulo apresenta, procurando encontrar as causas profundas da actividade, dando origem a uma mais adequada resposta.
- Uma independência do plano, isto é, não se apresentam absolutamente circunscritos ao que planearam, mas são capazes de se adaptar às circunstâncias da realidade, ajustando, então, o seu comportamento.
- Uma capacidade de auto-análise e crítica da sua própria competência.

Ainda são poucas as referências a estudos utilizando a comparação objectiva entre os Treinadores “experts” e os Treinadores “inexperientes”.

Este nosso estudo explorará apenas na parte da formação dos Treinadores, a influência de uma formação em Educação Física ou da sua ausência. No entanto, algumas das perspectivas apresentadas por este paradigma serão abordadas.

3. O Pensamento do Treinador

Cada vez mais, aquilo que se passa durante um treino não pode ser analisado e interpretado isoladamente, mas sim suportado e explicado por aquilo que se passa (ou não) antes do treino se realizar.

O que um Treinador pensa antes de um treino poderá influenciar o seu comportamento durante o treino.

A investigação orientada para as acções do Professor ou do Treinador, no âmbito do paradigma “processo-produto”, têm dominado as preocupações de inúmeros autores, na tentativa de se identificarem condições propiciadoras do sucesso nas aprendizagens dos Alunos ou Atletas, assumindo particular destaque os estudos sobre a eficácia pedagógica, através dos quais se procura analisar a influência recíproca entre as acções do Treinador/Professor e o comportamento do Atleta/Aluno.

Para Carreiro da Costa (1991), é importante conhecer os objectivos dos Professores, as suas intenções e propósitos, a fim de interpretar e compreender o significado da sua actividade no decorrer da relação pedagógica.

Uma das conclusões a que Januário (1992), chegou na sua tese, foi o carácter de intencionalidade na acção docente dos pensamentos pré-interactivos sobre o comportamento interactivo.

Vários autores, segundo Clark & Yinger (1987), sugerem a influência do planeamento nas oportunidades de aprendizagem dos Atletas. Estes autores consideram, ainda, que o comportamento do Professor é fortemente influenciado e, muitas vezes, determinado pelos processos do seu pensamento.

Também Goc-Karp & Zakrazsek (1987), consideram importante perceber qual a relação entre as decisões pré-interactivas e o comportamento do Professor de Educação Física.

3.1. O Planeamento e as Decisões de Ensino

Jackson (1968, citado por Tochon, 1989), no seu estudo sobre a análise do planeamento, no âmbito do Pensamento do Professor, dividiu o processo do ensino em três fases: o período antes da aula, designado por pré-acção, as decisões cognitivas tomadas durante a actuação na sala de aula, designadas por fase interactiva, e o período entre duas aulas, em consequência da influência dos acontecimentos da aula precedente, designado por regulação pós-activa.

Também Mosston & Ashworth (1986) identificam, no seu estudo, três tipos de decisões que o Professor adopta durante o processo de ensino e aprendizagem: pré-impacto, impacto e pós-impacto.

Vamos, de seguida, e recorrendo a Mosston e Ashworth (1986), identificar as decisões que antecedem o processo de interacção Professor-Atleta ou, no nosso estudo, Treinador-Atleta, as decisões pré-interactivas:

1. Objectivo de um episódio
2. Selecção de um estilo de ensino
3. Antecipação de um estilo de aprendizagem
4. A quem ensinar
5. Matéria de ensino
6. Onde ensinar
7. Quando ensinar (início da actividade, ritmo e cadência, duração, paragem da actividade, intervalos da actividade e final da actividade)
8. Postura
9. Aparência e apresentação dos Atletas
10. Comunicação
11. Tratamento de questões
12. Arranjos organizacionais
13. Parâmetros

14. Clima
15. Procedimentos de avaliação e materiais
16. Outros

As decisões interactivas correspondem, segundo Saraiva (1997), “às *decisões assumidas durante o processo de interacção Professor-Atleta, traduzindo a implementação das decisões pré-interactivas e possíveis ajustamentos aos acontecimentos na sala de aula, adequando ou alterando as decisões previamente definidas*”.

3.2. A Entrevista

A Entrevista é um instrumento de recolha de informação. Pultorak (1993), no seu estudo, encontrou diferenças no tipo de respostas, consoante estas eram resultantes de procedimentos escritos ou verbais. Pape & Kelly, citados por Pultorak (1993), verificaram que os níveis de reflexão eram mais elevados nos registos orais do que nos escritos.

Também Januário (1992), ao abordar a validade dos procedimentos de recolha, refere que, para os Professores, o planear uma aula representa mais do que a redacção de um documento escrito.

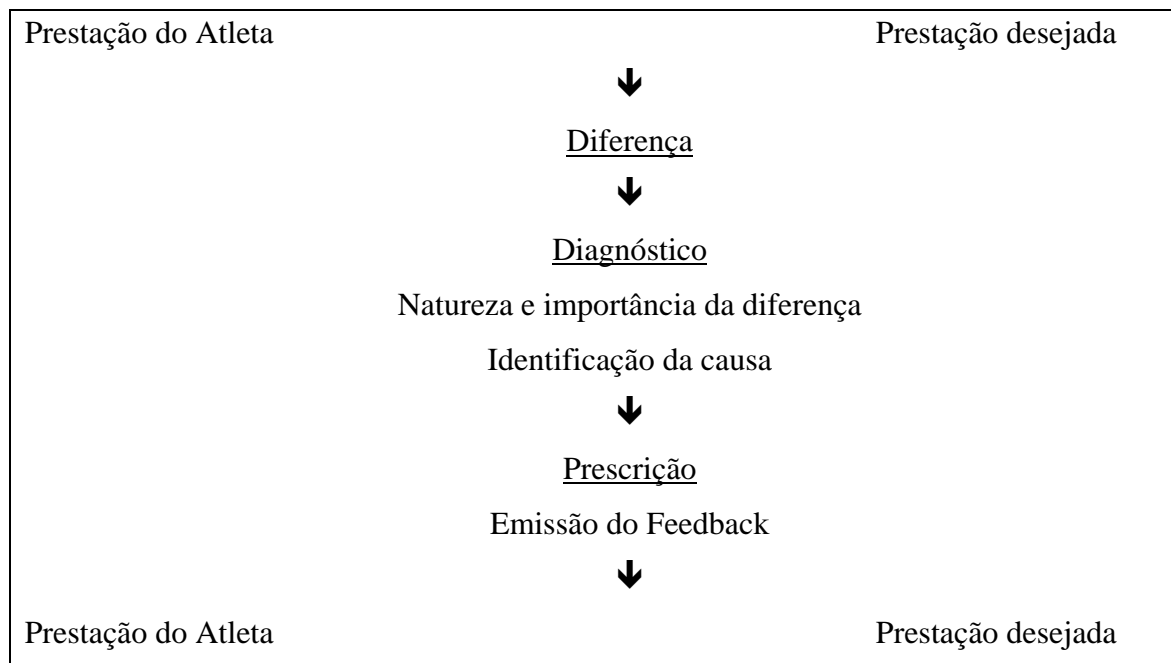
Por outro lado, Quivy (1992) refere que as entrevistas permitem retirar informações e elementos de reflexão muito ricos e matizados.

Iremos utilizar a entrevista semi-estruturada para recolher as informações sobre as decisões pré-interactivas dos Treinadores e dos Treinadores Professores de Educação Física. Recorremos à entrevista semi-estruturada porque, segundo Quivy (1992), permite que o entrevistado fale abertamente mas, sempre que se afastar dos objectivos da entrevista, é reencaminhado pelo entrevistador. São utilizadas perguntas-guia, relativamente abertas, a propósito das quais é imperativo receber uma informação da parte do entrevistado.

4. O Feedback

Muitos elementos fazem do Feedback um elemento determinante na relação pedagógica, pois é um dos recursos dos formadores que se centra e influencia a aquisição das habilidades pedagógicas (Piéron, 1993).

O Professor analisa a resposta motora do Atleta e compara-a com a resposta desejada e, em consequência, identifica os erros contidos na resposta. A seguir, diagnostica a natureza, a importância e as causas daqueles erros. Finalmente, e consoante o diagnóstico, decide sobre o Feedback a emitir.



Modelo de estudo do Feedback (Hoffman, 1983)

No ensino das actividades físicas, o Feedback pode ser definido como uma informação fornecida com o objectivo de ajudar o Atleta a repetir os comportamentos motores adequados, eliminar os comportamentos incorrectos e esperar os resultados obtidos.

No treino, Moser (1991) refere que os Feedbacks *“constituem a base através da qual o Atleta vai conseguir a forma como o seu movimento se efectuou, face ao programa pré-estabelecido, fornecendo-lhe as indicações necessárias para as eventuais correcções que possam vir a surgir. Como tal, os Feedbacks representam o fundamento e os parâmetros de referência para o planeamento, a realização e a valorização das sucessivas acções motoras levadas a cabo”*.

O estudo do Feedback, em termos de efeito, pode ser visto em dois níveis que se complementam: ao nível do seu efeito na aprendizagem e ao nível do ensino. Ele figura, tanto nos modelos de aquisição das habilidades motoras (Adams, 1971; Gentile, 1972; Singer & Dick, 1974), como nos modelos de estudo da eficácia do ensino (Bloom, 1979; Carroll, 1963; Wiley & Harnischfeger, 1974 citados por Bennett, N, 1978).

Vamos apresentar, de seguida, alguns dos estudos relacionados com o Feedback no treino.

4.1. O Feedback no Treino

Tem-se verificado em diversos estudos na Educação Física, da importância do Feedback, quer em termos quantitativos quer em termos qualitativos, na melhoria do desempenho dos Atletas.

Pode-se aproveitar esta afirmação como base de partida para a exploração de pesquisas no domínio do treino.

Markland & Martinek (1988) pretenderam examinar a estrutura e a quantidade de Feedback pedagógico utilizado pelos Treinadores, de maior e menor sucesso, de equipas femininas de Voleibol escolar. Foram observados 12 Treinadores e foi utilizado o sistema Cole-DAS (Cole Descriptive Analysis System) para a análise do Feedback.

Os tipos de Feedbacks que mais vezes foram utilizados, foram os Auditivos, Correctivos, Terminais e Dirigidos à Globalidade do Movimento.

No estudo de Rodrigues (1989), em situações semi-controladas de ensino de Voleibol, foram comparados Treinadores de jovens com Professores de Educação Física com e sem experiência. O sistema de análise de Feedback utilizado foi um que derivou do FEED/ULG (Pieron e Devillers, 1980; Pieron e R. Delmelle, 1983; Pieron e V. Delmelle, 1983; Pieron, Neto e Carreiro da Costa, 1985; Guimarães, 1986; Rosado 1988; Carreiro da Costa, 1988).

Os resultados obtidos permitiram concluir que os Treinadores se distinguem significativamente dos Professores por utilizarem, com maior frequência, o Feedback negativo, por dirigirem mais Feedbacks ao grupo e por intervirem concomitantemente com a execução da tarefa.

Por seu lado, Milho (1994), no seu estudo comparativo do comportamento do Professor, do Treinador de Formação e do Treinador de Seniores, em sessões de Andebol, utilizando como sistema de observação o SOP (Sistema de Observação do Comportamento do Professor – Piéron, 1986) descobriu que não existem diferenças significativas ao nível da taxa de Feedback/minuto, quando comparando os Professores e os Treinadores de Formação. Só comparando Treinadores de Seniores e os Professores, é que existem diferenças significativas, apresentando os Professores um valor mais elevado de Feedback/minuto.

Gonçalves (1985), estudou o Professor de Educação Física nos dois meios, sala de aula e treino. Em termos de taxa de Feedback/minuto, esta é superior no treino. Na Dimensão objectivo, nas Categorias avaliativo positivo e negativo, prescritivo positivo e afectividade, os valores também são superiores no treino. Na Dimensão forma, só nas Categorias auditivo e visual é que os valores no treino são superiores. Finalmente, no treino, os Feedback são mais dirigidos aos Atletas do que na escola.

Também Guimarães (1986), realizou um estudo idêntico, mas na modalidade Andebol. Também aqui o Professor, no treino, apresenta uma taxa mais elevada de Feedback/minuto. Ao nível da Dimensão objectivo, só na Categorias prescritivo é que o valor na aula é superior.

Os resultados são quase unânimes em considerar que os Treinadores fazem incidir os seus Feedbacks sobre o conteúdo específico e que as grandes diferenças se situam quer ao nível da utilização do modelo negativo de correcção, quer na capacidade de identificação de erros cometidos pelos Atletas (Rodrigues, 1997).

4.2. A Formação de Treinadores

Como já foi dito anteriormente, a formação dos Treinadores é diversa. Apesar de as Federações terem os seus cursos de formação, com os currículos e conteúdos definidos, estes são bastante diferenciados consoante a Federação e a Modalidade.

Será que a formação influencia a capacidade de intervenção do Treinador? Que tipo de formação será necessária para melhorar o desempenho do Treinador? A formação de um Treinador dos escalões de formação será igual ao do Treinador de Seniores?

Estas e outras questões mostram a necessidade de aprofundar a pesquisa sobre a formação dos Treinadores e sua influência na intervenção pedagógica. Num estudo sobre uma Treinadora de Basquetebol durante um determinado período, Mertler (1974) identificou um aumento da frequência do Feedback, do Feedback positivo, dos elogios e uma diminuição do tempo de organização. No entanto, não se verificaram alterações nas Atletas observadas.

Jones, Housner & Kornspan (1997) num estudo sobre o comportamento e as decisões interactivas em treino, de Treinadores de Basquetebol experientes e inexperientes, chegaram à conclusão de que os Treinadores experientes deram mais instruções técnicas do que os inexperientes precisamente, por terem mais experiência a analisar gestos técnicos.

Num outro estudo, realizado por Barr (1978), onde foram estudados Treinadores de Basebol que, através da utilização do C.A.F.I.A.S. na recolha de dados, receberam um Feedback de supervisão acerca dos seus comportamentos, os Treinadores que

receberam o Feedback de supervisão aumentaram os elogios, a aceitação, o questionamento e os comportamentos espontâneos dos Atletas durante os treinos.

Dentro desta linha de pensamento, Smith, Smoll & Curtis (1979 citados por Piéron, 1988) sujeitaram um grupo de 18 Treinadores de Basebol a um programa de formação específica. O grupo de controlo era composto por outros 16 elementos. O programa de formação consistiu na utilização da operacionalização das regras de comportamento, na modelação, no Feedback de supervisão e na autoscopia. Foi utilizado o sistema de análise do comportamento do Treinador – CBAS (Coaching Behavior Assessment System - Smith, Smoll & Hunt, 1977).

Os Treinadores do grupo experimental utilizaram com maior frequência o encorajamento e o reforço positivo, que foi onde se verificaram as principais diferenças entre os grupos, em situação de correcção dos erros e em situação de instrução técnica.

Os resultados obtidos pela investigação são unânimes em reconhecer que a supervisão pedagógica pode ter efeitos benéficos na formação dos Treinadores. Também a experiência poderá ser um factor explicativo de uma melhor aprendizagem por parte dos Atletas.

Importa portanto continuar a tentar descobrir qual a influência de determinadas formações no processo da intervenção pedagógica, de forma a poder vir a ter implicações nos diversos processos de formação de Treinadores, para que estes possam, desde cedo, ter os conhecimentos aceitáveis sobre as suas competências pedagógicas.

Em relação ao nosso estudo, deixamos esta questão “no ar”: Será que a formação dos Treinadores Professores de Educação Física tem vantagens sobre a dos Treinadores comuns?

PARTE II

OBJECTO DE ESTUDO

1. Objectivo do Estudo

Neste capítulo iremos abordar o objectivo do nosso estudo, quais as hipóteses e justificações, bem como as suas limitações.

A apresentação das hipóteses e suas justificações vão servir de fonte de dúvida para o desenrolar deste processo de investigação.

As limitações do estudo permitem esclarecer que estes estudos têm limitações que podem interferir nas conclusões.

1.1 Introdução

Este estudo tem como objectivo a caracterização do Feedback Pedagógico, do Pensamento e Acção dos Treinadores de Andebol nos Escalões de Formação e da Reacção dos Atletas ao Feedback, consoante os conteúdos do treino. Comparação entre um grupo de Treinadores com formações e experiências profissionais diferenciadas.

A intervenção dos Treinadores de Andebol nos escalões de formação é de grande importância para a evolução do jovem Atleta como praticante e, consequentemente, para a evolução da modalidade propriamente dita. Moreira (1995) considera mesmo que, ao nível dos escalões jovens, o Treinador tem uma função muito importante como Professor, como elemento promotor do ensino, mas que é necessário conhecer como se deve promover o ensino e também como este é recebido pelos Atletas.

Segundo Hoffman (1983), podemos dizer que um dos pré-requisitos fundamentais exigidos ao Professor de Educação Física e ao Treinador, é a possibilidade de

reconhecer e de identificar os erros técnicos de execução, seja em exercícios critério, seja em situação de jogos reduzidos ou jogo formal.

Tem havido alguns estudos que tentam pesquisar a influência da formação nos Treinadores. Smith, Smoll & Curtis (1979), por exemplo, abordaram o estudo das intervenções dos Treinadores após um programa de formação específica. Guimarães (1986), por outro lado, analisou a variabilidade do Feedback de um Professor de Educação Física na Escola, como Professor e no Clube, como Treinador.

Este estudo aparece na sequência de um conjunto de recomendações que alguns autores (Guimarães 1986, Pereira 1996, Quina 1993, Rodrigues 1989 e 1995, Rosado 1995) apresentam nos seus trabalhos. Pretende-se comparar um grupo de Treinadores com formações profissionais distintas (Treinadores - Professores de Educação Física e Treinadores de 3º ou 4º Grau), contribuindo para um melhor esclarecimento, e possível aperfeiçoamento, das diferenças existentes entre os Treinadores na prescrição do Feedback pedagógico, com destaque para as Dimensões Conteúdo e Valor. Pretendemos ainda analisar qual a Reacção dos Atletas ao Feedback, em relação aos dois grupos, e comparar as decisões pré-interactivas (Objectivo do treino, Estrutura do treino, Aspectos críticos, Reacção esperada dos Atletas ao treino, Estratégias para fazer face aos aspectos críticos, Importância do Feedback, Tipo de Feedbacks e Reacção esperada dos Atletas aos Feedbacks) tomadas antes do treino com o comportamento.

1.1.1. A escolha da Modalidade - Andebol

O Andebol, apesar de ser uma modalidade pouco utilizada pela investigação é, em termos de praticantes, uma das modalidades mais praticadas em Portugal no Desporto Federado.

Apesar de ao longo do trabalho recorrermos a alguns dados relativos aos estudos direccionados para o Feedback no ensino, pois, como Markland e Martinek (1988) afirmam, ser-se Treinador de uma equipa federada é uma experiência de ensino, temos consciência de que no treino, os objectivos, a quantidade e qualidade dos praticantes, o seu empenho e a sua motivação, entre outras variáveis, fazem determinar o tipo de

interacção, e que, de um modo geral, são diferentes no treino desportivo e no ensino da Educação Física.

1.1.2. A Formação profissional dos Treinadores de Andebol

A formação dos Treinadores de Andebol é extremamente diversificada. Inicialmente, podemos dividir em dois grupos: ainda praticantes e/ou ex-praticantes e não praticantes. Depois, em cada um destes grupos, podemos ter Licenciados em Educação Física ou similares e outras profissões. Finalmente, poderão ter diferentes cursos federativos (2º, 3º e 4º grau)

Os cursos de 3º e 4º grau de Andebol têm uma duração de dois ou três fins-de-semana, enquanto que, em termos gerais, a formação geral dos Professores de Educação Física dura entre 3 a 5 anos.

1.1.3. Os conteúdos do treino

Normalmente, os conteúdos de treino variam muito de Treinador para Treinador, talvez devido às suas diferentes origens formativas e desportivas.

Pieron e Bozzi (1994), propõem, como forma de diferenciar a situação em que o Atleta está a trabalhar, dividir o treino em cinco partes: ao nível da Prática de Fundamentos, da Competição Simples (1x1, 2x2, etc.), da Competição Formal ou Completa (Jogo Formal), das Actividades Não-Específicas e da Atenção à informação. Assim, mesmo que os conteúdos de treino sejam muito diversificados, acabam sempre por encaixar em algumas destas partes do treino. Consoante os objectivos do treino, o Treinador poderá optar por prescindir de uma ou mais partes das propostas pelos autores referenciados.

1.2. Enunciado do Problema

Este trabalho tem como finalidade a caracterização do Feedback Pedagógico, do Pensamento e Acção dos Treinadores de Andebol nos Escalões de Formação e da

Reacção dos Atletas ao Feedback, consoante os conteúdos do treino. Comparação entre um grupo de Treinadores com formações e experiências profissionais diferenciadas.

Os resultados da análise multidimensional do Feedback serão utilizados para a comparação dos dois grupos de Treinadores, segundo a formação profissional (Professores de Educação Física e Treinadores de 3º e 4º Grau).

Para investigar tais comparações iremos analisar os treinos de Andebol nos escalões de formação.

1.3. Hipóteses e Justificações

Após a apresentação de cada hipótese referimos a justificação da sua pertinência.

HIPÓTESE 1 ⇨ Existem diferenças significativas entre os Treinadores Professores de Educação Física e os Treinadores, no que diz respeito à análise multidimensional do Feedback.

Rosado (1988) no seu estudo no Atletismo concluiu que os Professores especialistas fornecem mais Feedbacks específicos do que os não especialistas. Também Piéron (1982) conclui que uma das variáveis que distingue os Professores mais efectivos dos menos efectivos, é o Feedback específico. Estes estudos são indicadores de que a formação influencia a taxa de utilização de Feedbacks específicos.

Segundo Quina (1993), após uma consulta a vários autores, a formação e experiência profissional dos Professores influencia a taxa de emissão do Feedback.

Também nesta questão, Rodrigues (1989) descobriu que os Professores profissionalizados têm uma taxa de ciclos de Feedback superior aos Estagiários.

HIPÓTESE 2 \Rightarrow A Dimensão Conteúdo e Valor varia nas quatro situações do treino: na Prática dos Fundamentos, na Competição Simples (1x1, 2x2, etc.), na Competição Formal ou Completa (Jogo Formal) e nas actividades Não-Específicas.

Pieron e Renson (1988) demonstraram, num estudo no Futebol, que a taxa de Feedback varia em três partes do treino: Técnica, Tática e Jogo.

HIPÓTESE 3 \Rightarrow Existem diferenças significativas entre os Treinadores Professores de Educação Física e os Treinadores, na relação entre as Dimensões Conteúdo e Valor e as diferentes parte do treino.

Rosado (1988), no seu estudo no Atletismo, concluiu que os Professores especialistas fornecem mais Feedbacks específicos do que os não especialistas. Também Piéron (1982) conclui que uma das variáveis que distingue os Professores mais efectivos dos menos efectivos, é o Feedback específico. Também Pieron e Denson (1988) demonstraram, num estudo no Futebol, que a taxa de Feedback varia em três partes do treino: Técnica, Tática e Jogo. Assim, é de esperar que a formação influencie a relação Feedback (Dimensão Conteúdo e Valor) e as diferentes partes do treino.

HIPÓTESE 4 \Rightarrow Existem diferenças na Atenção e Reacção do Atleta ao Feedback, entre os dois grupos de Treinadores.

Comparando Treinadores e Professores, Rodrigues (1989) encontrou no seu estudo diferenças na Atenção e Reacção do Atleta ao Feedback.

HIPÓTESE 5 \Rightarrow Existem diferenças na taxa de Feedback/minuto, entre os dois grupos de Treinadores.

Gonçalves (1985) e Guimarães (1986) encontraram taxas de Feedback/minuto superiores no treino do que na sala de aula. Já Rodrigues (1988) não encontrou diferenças significativas entre Treinadores e Professores de Educação Física.

HIPÓTESE 6 \Rightarrow Existe relação entre o que o Treinador pensa, antes do treino, e aquilo que ele faz durante o treino.

Realmente, Januário (1992), no seu estudo acerca do Pensamento do Professor destaca a relação entre o pensamento do Professor antes da aula e aquilo que faz durante o seu decorrer.

1.4. Limitações do Estudo

Neste estudo verificam-se limitações, quer ao nível do enquadramento teórico, quer ao nível metodológico.

Ao nível do enquadramento teórico sentimos dificuldades em encontrar um grande número de estudos que se baseassem no treino Desportivo, pelo que tivemos que nos basear, em alguns casos, em estudos provenientes do sistema educativo, que apesar de poderem ser adaptados, foram equacionados num meio diferente.

Em termos do enquadramento metodológico, encontramos as limitações próprias de um estudo comparativo e descritivo. A tentativa de encontrar pontos de relação e influência entre as variáveis em estudo implica uma generalização das conclusões.

Outra limitação advém da recolha de dados através de filmagem. A capacidade de adaptação dos Atletas e Treinadores a este tipo de situação, mesmo que previamente explicada, é sempre susceptível de criar situações não reais.

Também a dificuldade na captação das imagens de uma forma global mas próxima (ex: uma tabela de basquetebol pode impedir o visionamento num determinado ângulo) criará dificuldades no posterior visionamento na televisão.

Por fim, na entrevista, a utilização de uma linguagem diferente da nossa, com os entrevistados, poderá implicar interpretações que têm sempre um grau de subjectividade.

Apesar destas limitações, gostaríamos que este estudo pudesse “abrir um pouco mais a porta” acerca do comportamento do Treinador antes e durante o treino.

PARTE III

MÉTODOS E PROCEDIMENTOS

1. Introdução

Neste capítulo iremos caracterizar a amostra, as variáveis seleccionadas, os procedimentos e materiais utilizados, o sistema de observação, a entrevista, as condições de codificação, o processo de treino dos observadores e os métodos estatísticos adoptados para o tratamento dos dados.

2. Caracterização da Amostra

Foram seleccionados 2 treinos por equipa. Utilizámos 8 Treinadores. A nossa amostra ficou reduzida a 16 casos.

Como critérios para a selecção da amostra:

- ❖ Serem equipas de Andebol dos escalões de formação (infantis, iniciados ou juvenis, masculinos ou femininos);
- ❖ Quatro Treinadores serem Professores de Educação Física e quatro sem a formação em Educação Física;
- ❖ O segundo treino seria precedido de uma entrevista.

No projecto tínhamos programado 10 Treinadores, mas de um Treinador a filmagem ficou sem som enquanto outro acabou por não nos ser possível utilizar por treinar às mesmas horas e dias que um outro por nós utilizado.

2.1. Os Treinadores

Observámos 8 Treinadores. Quatro são Professores de Educação física e quatro não.

Profissão	Sexo	Idade	Grau	Experiência
Professor E.F.	Feminino	32	3º	16 anos
Professor E.F.	Masculino	26	4º	4 anos
Professor E.F.	Masculino	35	2º	17 anos
Professor E.F.	Masculino	49	4º	9 anos
Treinador	Feminino	24	4º	2 anos
Treinador	Masculino	42	4º	3 anos
Treinador	Masculino	49	3º	16 anos
Treinador	Masculino	42	4º	22 anos

Quadro 1 – Caracterização dos Treinadores.

2.1.1. As Equipas

As equipas pertencem ao Distrito de Lisboa e de Setúbal e são de Escalões de Formação.

Profissão	Distrito	Escalão
Professor E.F.	Lisboa	Juvenis Fem.
Professor E.F.	Setúbal	Iniciados Masc.
Professor E.F.	Lisboa	Juvenis Masc.
Professor E.F.	Lisboa	Inic./Juv. Masc.
Treinador	Lisboa	Infantis Masc.
Treinador	Lisboa	Iniciados Masc.
Treinador	Lisboa	Juvenis Masc.
Treinador	Setúbal	Juvenis Masc.

Quadro 2 – Distribuição dos Treinadores pelos Distritos de Lisboa e Setúbal, e pelo Escalão de Formação

2.1.2. Os Treinos

Foram utilizados 2 treinos por Treinador. Os treinos foram filmados entre Março e Maio de 1997.

3. As Variáveis

As variáveis que vamos abordar neste estudo, são as de: presságio, contexto, programa e processo.

Vamos estudar qual a influência das variáveis de presságio nas variáveis de programa e processo.

3.1. Variáveis de presságio

São variáveis que definem quem vai ser objecto de estudo.

Os Treinadores vão ser divididos em dois grupos: Treinadores Professores de Educação Física e Treinadores não Professores de Educação Física (adiante designados apenas por Treinadores).

Na entrevista, as expectativas dos Treinadores são as variáveis de presságio.

3.2. Variáveis de contexto

São variáveis independentes do Treinador mas que têm influência no modo e na qualidade do processo pedagógico.

- Os Treinadores de Andebol, que vão ser objecto deste estudo, pertencem aos escalões de formação (Infantis, Iniciados e Juvenis, Masculinos ou Femininos).

3.3. Variáveis de programa

São variáveis dependentes do poder de decisão dos Treinadores.

Cada treino vai ser dividido em 5 partes, baseado numa proposta de Pieron e Bozzi (1994), como forma de diferenciar a situação em que o Atleta está a trabalhar: ao nível da prática dos fundamentos, da competição simples (1x1, 2x2, etc.), da competição formal ou completa (jogo formal), das actividades Não-Específicas e da Atenção à informação.

- Antes do segundo treino, os Treinadores serão entrevistados acerca do treino que vão dar. São retiradas as seguintes variáveis pré-interactivas da entrevista:

- Objectivo do treino
- Estrutura do treino
- Aspectos críticos
- Reacção esperada dos Atletas ao treino
- Estratégias para fazer face aos aspectos críticos
- Importância do Feedback
- Tipo de Feedbacks
- Reacção esperada dos Atletas aos Feedbacks

3.4. Variáveis de processo

São variáveis que dizem respeito às actividades e comportamentos que acontecem durante o processo pedagógico em treino. No nosso caso, interessa-nos os Feedbacks que os Treinadores fornecem aos Atletas e qual o comportamento dos Atletas em relação ao Feedback.

Ao analisarmos os Feedbacks, iremos dividi-los em cinco Dimensões: Conteúdo, Valor, Objectivo, Forma e Direcção. Cada Dimensão é dividida em diversas Categorias e, em alguns casos, em subcategorias.

A Dimensão Conteúdo é dividida em Feedback específico ou Não-Específico. O Feedback específico poderá ser global ou focado.

A Dimensão Valor tem as Categorias de apropriado e inapropriado.

A Dimensão Objectivo é composta por quatro Categorias de Feedback: avaliativo, descritivo, prescritivo e interrogativo. O Feedback avaliativo pode ser positivo ou negativo.

Na Dimensão Forma temos Feedbacks verbais, visuais, quinestésicos, audio-visuais e audio-tácteis.

Por fim, na Dimensão Direcção, os Feedbacks podem ser individuais, de grupo ou de equipa.

Iremos também analisar a Atenção e Reacção do Atleta ao Feedback. Aqui, iremos ver se o Atleta está ou não com Atenção ao Feedback e qual a sua Reacção a este. A Reacção poderá ser dividida em três: o Atleta compreende e age segundo a Dimensão do Feedback, o Atleta não compreende e não age ou o Atleta compreende e age com dificuldade (ex: Feedback inapropriado).

As decisões pré-interactivas, o acto de planear, por exemplo, também fazem parte do processo pedagógico e, como tal, são consideradas variáveis de processo.

4. As Filmagens

Para a obtenção dos dados foi necessário realizar filmagens em vídeo das sessões de treino. Foi explicado aos Treinadores participantes neste estudo qual o objectivo e procedimento da pesquisa.

4.1. As Limitações das Filmagens

Foi utilizada apenas uma câmara que seguia sempre o Treinador e o maior número de Atletas possível, o que dificultou o acompanhamento de todos os Atletas.

As condições dos pavilhões influenciaram os ângulos e a iluminação das filmagens.

4.2. Material Utilizado

Foi utilizado uma câmara de filmar VHS portátil, um tripé, uma extensão eléctrica e um microfone emissor-receptor.

Foi utilizado um gravador comum para a gravação da entrevista.

Para o visionamento das cassetes foi utilizado um vídeo com inserção de tempo no visor e uma televisão a cores.

O registo dos dados foi efectuado através de um computador portátil, numa folha de cálculo Excel.

5. O Sistema de Observação

5.1. Objectivos

O sistema de observação que vai ser utilizado neste trabalho é derivado do FEED/ULG (Pieron e Devillers, 1980; Pieron e R. Delmelle, 1983; Pieron e V. Delmelle, 1983; Pieron, Neto e Carreiro da Costa, 1985; Guimarães, 1986; Rosado 1988; Carreiro da Costa, 1988) em que vão ser analisadas 5 Dimensões do Feedback (Conteúdo, Valor, Objectivo, Forma e Direcção) com especial relevo para as Dimensões Conteúdo e Valor, onde vão ser empregues algumas adaptações.

5.2. Definição das Categorias

Aproveitamos a descrição das Dimensões e Categorias do sistema de observação utilizado por Carreiro da Costa (1995) e adoptamos para o treino. As Dimensões Conteúdo e Valor vão ter como base a opinião de peritos de Andebol. Segundo Marczinka (1993), o Conteúdo do Andebol pode ser dividido em cinco partes: Bases Físicas, Técnica de Ataque, Técnica de Defesa, Tática do Ataque e Tática da Defesa.

Dimensão Conteúdo: Respeita a especificidade e a componente da actividade a que se refere a retroacção do Treinador. Tem que se ter em conta as cinco partes em que vai ser dividido o treino como forma de diferenciar a situação em que o Atleta está a trabalhar: ao nível da prática dos fundamentos, da competição simples (1x1, 2x2, etc.), da competição formal ou completa (jogo formal), das actividades Não-Específicas e da Atenção à informação.

a) *Feedback Específico Global:* A retroacção está relacionada com a matéria e os objectivos da Unidade de Treino. O Treinador não particulariza qualquer fase da actividade; a apreciação tem um carácter geral, não se insere em nenhuma das cinco partes do treino por nós divididas.

b) *Feedback Específico Focado:* A retroacção está relacionada com a matéria de treino, com os objectivos da Unidade de Treino e, acima de tudo, com a parte do treino em que se encontra (Ex: treino de fundamentos - Treinador: “deves armar mais atrás o braço quando rematas”). O Treinador explicita a fase ou fases da actividade motora do Atleta a que se refere a sua apreciação.

c) *Feedback Não-Específico:* A retroacção não está relacionada com a matéria e os objectivos da Unidade de Treino. Também consideramos como *Feedback Não-Específico* se estivermos, por exemplo, na parte da competição simples e a retroacção visar, unicamente, matéria específica da parte dos fundamentos (Ex: competição simples, 3x2, objectivo: ganhar vantagem numérica - Treinador: “João, agarra bem a bola quando rematas”).

Dimensão Valor: Refere o grau de correcção científica e técnica da informação fornecida e a sua adequação ao desempenho do Atleta.

a) *Feedback Apropriado:* A informação é correcta (baseia-se nos fundamentos técnicos e tácticos do Andebol) e traduz uma avaliação ajustada da prestação do Atleta.

b) *Feedback Incompleto:* A informação é incompleta (baseia-se nos fundamentos técnicos e tácticos do Andebol) e traduz uma avaliação insuficiente da prestação do Atleta.

c) *Feedback Desapropriado*: A informação veiculada é incorrecta (não se baseia nos fundamentos técnicos e táticos do Andebol) ou, apesar de verdadeira, não representa uma avaliação ajustado da prestação do Atleta.

Dimensão Objectivo: Refere o propósito colocado pelo Treinador na sua retroacção.

a) *Feedback Avaliativo Positivo*: O Treinador realiza um juízo de valor positivo do desempenho do Atleta.

b) *Feedback Avaliativo Negativo*: O Treinador realiza um juízo de valor negativo do desempenho do Atleta.

c) *Feedback Descritivo*: O Treinador relata a forma como o Atleta realizou a actividade, enumera os erros cometidos e refere as causas e/ou consequências.

d) *Feedback Prescritivo*: O Treinador comunica ao Atleta a forma como deve realizar a próxima execução, referindo e justificando os critérios de êxito e/ou os erros a não cometer.

g) *Feedback Interrogativo*: O Treinador questiona o Atleta sobre a prestação efectuada, a fim de suscitar a tomada de consciência dos erros cometidos ou da forma correcta de execução.

Dimensão Forma: Respeita o canal de comunicação utilizado para transmitir a informação.

a) *Feedback Verbal*: A informação é transmitida oralmente.

b) *Feedback Visual*: A retroacção é fornecida através da demonstração.

c) *Feedback Quinestésico*: O Treinador procura modificar a prestação do Atleta através da manipulação de determinada parte do seu corpo.

d) *Feedback Audio-Visual*: A informação oral é acompanhada de uma demonstração.

e) *Feedback Audio-Táctil*: O Treinador tenta modificar a prestação do Atleta através da manipulação de determinada parte do seu corpo, acompanhando a sua acção com uma intervenção verbal.

Dimensão Direcção: Refere quem foi o alvo da retroacção.

- a) *Feedback Individual:* A retroacção é dirigida a um único Atleta.
- b) *Feedback Grupo:* A retroacção é dirigida a dois ou mais Atletas, mas não a toda a equipa.
- c) *Feedback Colectivo:* A retroacção é dirigida ao conjunto da equipa.

Dimensão Atenção: Refere a Atenção do Atleta ao Feedback.

- a) *Atento:* O Atleta não mostra sinais evidentes de desatenção (comportamentos de desvio ou indisciplina).
- b) *Desatento:* O Atleta mostra sinais evidentes de desatenção. Não parece estar a ver nem a ouvir o Treinador.
- c) *Indeterminado:* Não é possível identificar o comportamento do Atleta por estar tapado por outro ou não aparecer na imagem.

Dimensão Reacção: Refere a forma como o Atleta reage após lhe ter sido emitido um Feedback.

- a) *Modifica o comportamento positivamente:* O Atleta realiza a sua execução de acordo com as intenções inscritas no Feedback.
- b) *Modifica o comportamento negativamente:* O Atleta altera o seu comportamento, mas tal não se inscreve nas prescrições do Feedback.
- c) *Não modifica o comportamento:* O Atleta não altera a sua execução, mantendo o mesmo comportamento.
- d) *Indeterminado:* Não é possível identificar o comportamento do Atleta por estar tapado por outro ou não aparecer na imagem.

5.3. Objectividade do Sistema de Observação

Para determinar o grau de objectividade do sistema de observação fomos analisar a validade e a fidelidade.

5.3.1. Validade

Vamos abordar quatro tipos de validade, procurando cruzar a análise de modo a definir a objectividade do sistema. Vamos apresentar a validade aparente, a validade de construção, a validade de conteúdo e a validade concorrente.

5.3.1.1. Validade Aparente

Pode definir-se, segundo Safrit & Wood (1989), como um meio de verificar se o sistema de observação pode medir o que na realidade se pretende medir.

Esta validade vai estar sempre presente na construção do sistema, pois iremos ter a preocupação de realizar os necessários ajustes e adaptações comparando a realidade do treino com as intervenções do Treinador e reacções do Atleta.

5.3.1.2. Validade de Construção

Considera-se que as Categorias do sistema de observação devem constituir uma amostra do que se pretende observar (Safrit & Wood, 1989).

Sendo as retroacções do Treinador o objecto de análise deste estudo e correspondendo as Categorias do sistema de observação às Dimensões e Categorias da retroacção, deverá esta validade estar confirmada.

5.3.1.3. Validade de Conteúdo

Este tipo de validade permite concluir que o conteúdo do sistema de observação reflecte, exactamente, o que se pretende observar (Safrit & Wood,1989).

O sistema de observação por nós utilizado, já foi utilizado em outros estudos para um propósito semelhante, pelo que podemos afirmar que esta validade também deverá estar garantida.

5.3.1.4. Validade Concorrente

Esta validade obriga à comparação do sistema de observação com outros já validados que serviriam de referência para o novo sistema de observação (Safrit & Wood,1989).

O nosso sistema de observação é uma adaptação do FEED/ULG (Pieron e Devillers, 1980; Pieron e R. Delmelle, 1983; Pieron e V. Delmelle, 1983; Pieron, Neto e Carreiro da Costa, 1985; Guimarães, 1986; Rosado 1988; Carreiro da Costa, 1988), pelo que, à partida, garante a sua validação.

6. Fidelidade

Para se poder garantir que o sistema possa ser utilizado por diferentes observadores ou pelo mesmo observador em momentos diferentes, temos que estudar a fidelidade.

6.1. Fidelidade Intra-Observador

Pretende garantir que o mesmo observador, em diferentes momentos, apresente codificações semelhantes dos diversos comportamentos em estudo.

Foram realizadas duas codificações, pelo mesmo observador, com um intervalo de uma semana.

Obtivemos para todas as Categorias valores iguais ou superiores a 85% de acordos, segundo o Índice de Acordos de Bellack (Siedentop, 1983), aplicado ao registo de duração:

% Acordo = valor mínimo / valor máximo * 100												
EG	EF	NE	A	INC	DES	AP	AN	D	P	INT	VE	VI
100	97	90	100	100	100	100	100	85	97	100	100	100
Q	AV	AT	IN	G	C	AT	DA	I	MC+	MC-	NMC	I
100	100	100	100	100	100	100	100	100	88	100	100	94

Quadro 3 – Fidelidade Intra-Observador

6.2. Fidelidade Inter-Observador

Possibilita garantir que diferentes observadores utilizando o sistema de observação, conseguem codificar os comportamentos da mesma maneira.

Também aqui aplicamos o índice de Bellack.

EG	EF	NE	A	INC	DES	AP	AN	D	P	INT	VE	VI
100	100	100	98	100	100	100	100	100	95	100	100	100
Q	AV	AT	IN	G	C	AT	DA	I	MC+	MC-	NMC	I
100	100	100	100	100	100	93	100	90	100	100	100	100

Quadro 4 – Fidelidade Inter-Observador

No Quadro 4 podemos verificar que todos os acordos são superiores a 85%.

7. As Condições de Observação

7.1. Amostragem Temporal

Foi observado 100% do tempo dos treinos, pelo que não foi necessária uma amostragem temporal.

7.2. Protocolo de Codificação

Como era de esperar, este tipo de codificação dos Feedbacks obriga a um constante esclarecimento das definições das Categorias, que vamos apresentar de seguida, como forma de facilitar a compreensão da discussão dos resultados.

Assim, podemos referir que as Categorias expostas no ponto 5.2. não sofreram qualquer alteração sendo, no entanto, de realçar as seguintes situações:

- ❖ Na Dimensão valor, sempre que existam dúvidas, o Feedback é considerado apropriado;
- ❖ Feedbacks relacionados com as regras são sempre considerados, em termos de conteúdo, como específicos globais, pois as regras da modalidade podem estar sempre presentes;
- ❖ Informações tipo “isso, isso”, “segue, segue”, “ataca (repetido prolongadamente)” não são contabilizadas como Feedback;
- ❖ “Bom” repetido prolongadamente é considerado Feedback de valor incompleto.

7.3. Registo das Observações

O registo das observações foi efectuado numa folha de cálculo Excel. A folha de cálculo permite-nos utilizar fórmulas e transferir dados directamente para o SPSS 7.5 Windows, o que permitiu encurtar o tempo de codificação e quantificação dos Feedbacks.

8. Treino de Observadores

Não foi necessário treinar o Observador, pois o estudo era realizado por ele.

9. A Entrevista

9.1. Estrutura das entrevistas

Antes da filmagem do segundo treino será efectuada uma entrevista ao Treinador, de forma a ficarmos na posse das variáveis pré-interactivas. Ao ficarmos na posse destes dados, poderemos confrontá-los com a observação do treino após entrevista. Assim, poderemos analisar qual a influência do pensamento do Treinador em relação ao treino que deu.

As perguntas da entrevista que utilizaremos foram baseadas na de Januário (1992) e tem as seguintes questões:

1. Qual o objectivo do treino de hoje?
2. Como é que o treino está estruturado?
3. Quais os aspectos que podem ser mais críticos neste treino? Que Reacção espera dos seus Atletas a este treino?
4. Que estratégias tem para fazer face a esses aspectos críticos? Que tipo de intervenção pensa utilizar?
5. Que importância dá ao Feedback nos seus treinos? Que “tipo” de Feedbacks costuma mais utilizar? Que Reacção espera dos Atletas aos seus Feedbacks?

As perguntas 1, 2 e 3 servem para podermos confrontar os conteúdos do treino com os Feedbacks utilizados posteriormente.

A pergunta 4 tem como objectivo introduzir o tema do Feedback.

A pergunta 5 serve para encontrarmos uma justificação à análise que se fará ao treino observado.

9.2. Momentos de aplicação das entrevistas

As entrevistas foram aplicadas imediatamente antes do segundo treino e não antes do primeiro, de forma a não condicionarem o comportamento dos Treinadores do primeiro treino.

9.3. Condições de aplicação das entrevistas

O desenvolvimento das entrevistas teve como base o guião previamente estabelecido.

O guião das questões utilizado era idêntico para todos os entrevistados apesar de não se ter vinculado os Treinadores a uma sequência rígida no questionamento.

Conforme as respostas dos entrevistados, estes eram muitas vezes questionados com perguntas não contempladas no guião de questões, de forma a que os entrevistados explorassem os objectivos das questões de base.

Foi utilizado na gravação das entrevistas um gravador comum.

9.4. Momentos de recolha

A recolha efectuou-se em treinos nos escalões de formação da modalidade Andebol, nos segundos oito treinos.

Os conteúdos e objectivos abordados nos treinos foram definidos pelos Treinadores participantes neste estudo, não tendo tido qualquer influência nossa.

9.5. Procedimentos de recolha

Quando os Treinadores foram contactados para colaborarem no nosso estudo, foi-lhes dado conhecimento dos objectivos do estudo, e de toda a metodologia de recolha de dados, assegurando-se, desde logo, a estrita confidencialidade dos dados, bem como o respectivo anonimato.

Importa referir que ao darmos conhecimento dos objectivos do estudo aos Treinadores, fizémo-lo de uma forma genérica, de maneira a assegurar condições de

participação natural, quer no que diz respeito às decisões pré-interactivas, quer no comportamento interactivo durante os treinos.

Foi pedido aos Treinadores para que explicassem aos seus Atletas o porquê das filmagens dos treinos, de forma a que estas não lhes condicionassem os comportamentos.

10. Análise das Entrevistas

10.1. Método de análise

O tratamento das entrevistas, nas oito efectuadas, implicou a sua transcrição para protocolos escritos, de forma a serem transformados em dados susceptíveis de serem trabalhados.

Recorreu-se ao método da análise de conteúdo que, segundo Bardin (1977), possibilita inferências sobre as condições de produção das comunicações a partir de indicadores quantitativos ou não.

Para a construção dos dados operacionais, seguiram-se as fases que caracterizam o método da análise de conteúdo, e que consiste em processos de redução gradual do nível da abrangência, através de procedimentos sistemáticos e objectivos de descrição do conteúdo das mensagens.

Para a categorização das entrevistas, procedeu-se à codificação das transcrições pela delimitação das unidades de significação (unidades de registo), utilizando o critério semântico, sendo os segmentos de conteúdo variável consoante o significado que continham.

Após o inventário das unidades de registo, procedeu-se à sua classificação, definindo-se Categorias relevantes do conteúdo das decisões pré-interactivas e

respectiva legitimação, confrontando com Categorias inerentes ao sistema de observação utilizados para a análise multidimensional do Feedback.

Segundo Bogban & Biklen (1994), esta categorização recorre ao método de análise indutiva ou seja, partindo-se das respostas dos Treinadores para a codificação e respectiva classificação.

A classificação das transcrições das entrevistas em Categorias, implicou duas fases, procedimento característico de alguns estudos (Livingston & Borko, 1987; Graber, 1995; Saraiva, 1997):

- uma primeira fase, em que identificámos Categorias, que correspondem às decisões pré-interactivas consideradas nas entrevistas dos Treinadores,
- uma segunda fase, em que transformamos as Categorias por nós identificadas, naquelas que são utilizadas no sistema de observação para a análise multidimensional do Feedback.

Na primeira fase, considerámos a presença ou ausência como medida de ocorrência de determinada subcategoria que surgiam no discurso dos Treinadores.

Na segunda fase, transformámos, as Categorias que o permitiram, em Categorias idênticas ao sistema de observação, como forma de permitir uma posterior correlação entre as decisões pré-interactivas e decisões interactivas dos Treinadores.

10.2. Sistemas de categorização das decisões pré-interactivas

Como referimos no ponto anterior, as Categorias foram construídas pela via indutiva, sendo, posteriormente, algumas delas transformadas em Categorias idênticas às do sistema de observação.

Vamos apresentar, de seguida, as Categorias, definições e exemplos de codificação:

- Objectivo do treino – Se o objectivo do treino engloba o treino físico, técnico e/ou tático.

Exemplo: “É um treino com aspectos físicos.”

- Estrutura do treino – O treino vai englobar as 4 partes por nós divididas (Actividades Não-Específicas, Prática de Fundamentos, Competição Simples, Jogo Formal).

Exemplo: “Primeiro o aquecimento, depois a parte principal,...”

- Aspectos críticos neste treino – Factores que possam influenciar o desenrolar do treino.

Exemplo: “O Jogo...”

- Reacção dos Atletas a estes treinos – Se a Reacção vai ser positiva ou negativa.

Exemplo: “..eles já estão habituados.”

- Estratégias para fazer face a estes aspectos críticos – Motivar, Feedbacks, pausas, alterações de exercícios podem ser estratégias para combater os aspectos críticos.

Exemplo: “Vou tentar motivá-los,...”

- Importância do Feedback – Se é importante ou indiferente.

Exemplo: “É importante. É o factor mais importante do treino...”

- Objectivo do Feedback – Caracteriza-se pela Dimensão objectivo.

Exemplo: “...correctivos, descritivos, prescritivos...”

- Forma do Feedback – É igual à Dimensão forma (verbais, visuais, etc.).

Exemplo: “...aos Atletas com dificuldades dou Feedbacks Quinestésicos.”

- Reacção dos Atletas ao Feedback – Se é positiva ou negativa.

Exemplo: “A maior parte deles procura corrigir,...”

10.3. Validade e Fidelidade

A permanente discussão com investigadores competentes contribui para o assegurar de propriedades inerentes à validação das Categorias que emergiam do discurso dos Professores (Lessard-Hébert, et al., 1990; Goc Karp, 1989), bem como ao recurso de estudos sobre estes aspectos (Januário, 1992; Saraiva, 1997).

Em termos de fidelidade, como toda a codificação se concretizou de forma individual, procedemos, apenas, à apreciação da fidelidade intra-observador em momentos distintos de codificação, intervalados por períodos de sete dias.

Assim, seleccionada, aleatoriamente, uma entrevista com cada Professor, correspondente à fase pré-interactiva, foi calculada quer a concordância quanto ao número de Categorias identificadas, quer a concordância na classificação das Categorias. Este procedimento é idêntico ao utilizado por Januário (1992) no seu estudo.

Para o cálculo da concordância (IC) relativa à quantidade de Categorias identificadas, utilizou-se a fórmula:

$$Ic = n(\text{número mais baixo de Categorias registadas}) / N(\text{número mais alto de Categorias registadas}) * 100$$

Para o apuramento da concordância classificativa, aplicou-se o índice de fidelidade (If) sugerido por Bellack, a que numerosos estudos recorrem:

$$If = \text{número de acordos} / \text{número de desacordos} + \text{número de acordos} * 100$$

Os resultados obtidos nas oito entrevistas seleccionadas, variaram ente os seguintes valores:

- ❑ Acordo relativo à quantidade de Categorias – entre 95% e 100%.
- ❑ Acordo relativo à classificação das Categorias – entre 90% e 100%.

Tendo-se alcançado uma média de:

- ❑ Acordo relativo à quantidade de Categorias – 97,5%
- ❑ Acordo relativo à classificação das Categorias – 95%

Estes valores estão dentro dos níveis de aceitabilidade, sendo superiores a 70%, valor mínimo indicado por Tucwell (1980), citado por Januário (1992).

11. Tratamento dos Dados e Procedimentos Estatísticos

Os resultados serão apresentados de acordo com os parâmetros de tendência central e de dispersão. Serão apresentados em gráficos e em tabelas de forma a proporcionarem uma observação mais clara dos dados.

Para a comparação de dados entre os dois grupos vai ser utilizada a prova estatística não-paramétrica de Kruskal-Wallis da qual apresentaremos a probabilidade de erro que lhe corresponde.

A comparação dentro das Dimensões Conteúdo e Valor vai ser feita utilizando a análise da variância (ANOVA – one way) da qual apresentaremos o valor de F ratio e a probabilidade de erro que lhe corresponde.

Realizaremos o teste de Schéffé para identificarmos quais os grupos que diferem entre si de modo significativo.

Para a correlação entre as decisões pré-interactivas e interactivas será utilizado o Qui-Quadrado.

Utilizaremos, para efeitos da interpretação e análise dos resultados, à semelhança de estudos realizados nesta área, o grau de probabilidade de erro igual ou inferior a 0,05, quando aplicarmos as técnicas estatísticas já referidas.

PARTE IV

APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

CAPÍTULO I – Análise multidimensional do Feedback entre os Treinadores Professores de Educação Física e os Treinadores.

1. Introdução

Neste capítulo iremos apresentar, descritivamente, a análise multidimensional do Feedback entre os Treinadores Professores de Educação Física e os Treinadores. Os resultados serão sempre referidos em percentagens de modo a podermos confrontar os diversos resultados.

Numa segunda abordagem, iremos apresentar os resultados da comparação entre os Treinadores Professores de Educação Física e os Treinadores, no que diz respeito à análise multidimensional do Feedback. A comparação entre os dois grupos será feita utilizando a prova estatística não-paramétrica denominada Kruskal-Wallis da qual apresentaremos a probabilidade de erro que lhe corresponde.

Finalmente, iremos comparar os resultados por nós encontrados com os de outros estudos semelhantes.

2. Análise descritiva da análise multidimensional do Feedback entre os Treinadores Professores de Educação Física.

Após observarmos todos os Treinadores Professores de Educação Física organizámos a apresentação dos resultados em função das cinco Dimensões do Feedback e da Atenção e Reacção do Atleta ao Feedback.

Dimensão	Categoria	%
Conteúdo	Específico Global	6,18
	Específico Focado	90,4
	Não-Específico	3,37
Valor	Apropriado	93,50
	Incompleto	4,58
	Desapropriado	1,90
Objectivo	Avaliativo Positivo	8,28
	Avaliativo Negativo	4,97
	Descritivo	15,60
	Prescritivo	67,90
	Interrogativo	3,21
Forma	Verbal	72,10
	Visual	0,45
	Quinestésico	0,00
	Audio-Visual	26,90
	Audio-Táctil	0,54
Direcção	Individual	82,60
	Grupo	11,80
	Colectivo	5,68
Atenção	Atento	96,70
	Desatento	0,30
	Indeterminado	2,97
Reacção	Modifica o Comportamento Positivamente	87,20
	Modifica o Comportamento Negativamente	0,26
	Não modifica o Comportamento	2,68
	Indeterminado	9,85

Quadro 5 – Valores médios totais das frequências do Feedback em todas as Dimensões e Categorias, entre os Treinadores Professores de Educação Física.

2.1. Dimensão Conteúdo

Na Dimensão Conteúdo, como podemos analisar no Quadro 5, os Treinadores Professores de Educação Física utilizam, maioritariamente, durante o treino, Feedbacks Específicos Focados (90,40%). Os Feedbacks Específicos Globais e os Feedbacks Não-Específicos apresentam valores muito baixos, 6,18% e 3,37% respectivamente. Este resultado poderá dever-se ao facto de, os Treinadores Professores de Educação Física, nos Escalões de Formação, terem a tendência de relacionarem as suas retroacções com a matéria do treino, com os objectivos da Unidade de Treino e, acima de tudo, com a

parte de treino em que se encontram, ou seja, de não dispersarem o conteúdo dos Feedbacks, mas sim focarem-no com a tarefa ou parte de treino em que se encontram.

2.2. Dimensão Valor

Na Dimensão Valor, de destacar que 93,50% dos Feedbacks utilizados pelos Treinadores Professores de Educação Física, são apropriados. Apenas 1,90% são desapropriados e 4,58% são incompletos. Isto significa que os Treinadores Professores de Educação Física, independentemente da sua taxa de Feedback/minuto, quando veiculam informação, esta é normalmente correcta e ajustada à prestação do Atleta. A formação dos Treinadores Professores de Educação Física poderá justificar este valor elevado de Feedbacks apropriados.

2.3. Dimensão Objectivo

Quanto à Dimensão Objectivo, destaca-se, como se pode observar no Quadro 5, que os Feedbacks Prescritivos são os mais utilizados (67,9%). Vêm depois os Descritivos (15,6%), os Avaliativos Positivos (8,28%), os Avaliativos Negativos (4,97%) e os Interrogativos (3,21%).

Com Atletas destas idades (Escalões de Formação), os Treinadores Professores de Educação Física têm a tendência de prescrever aos Atletas a forma como devem realizar determinada execução, pois julgam que o Atleta ainda não domina suficientemente as matérias para conseguir, apenas através de uma questão ou descrição, corrigir uma execução. Com esta forma de intervenção, as retroacções avaliativas, quer sejam positivas ou negativas acabam, também, por ficar para segundo plano.

2.4. Dimensão Forma

Na Dimensão Forma, os Treinadores Professores de Educação Física utilizam mais Feedbacks Verbais (72,10%) e Feedbacks Audio-Visuais (26,90%). Os Feedbacks Visuais (0,45%) e Audio-Tácteis (0,54) são muito pouco utilizados.

A maior utilização de Feedbacks Verbais poderá ser explicada pela organização e estrutura dos exercícios, onde a maior parte das vezes os Treinadores Professores de Educação Física dão Feedbacks aos Atletas quando estes estão a realizar a tarefa e não podem visualizar o Treinador. Os Feedbacks são quase sempre dados durante a execução, e não no final dela.

2.5. Dimensão Direcção

Em termos de Direcção do Feedback, podemos afirmar que os Treinadores Professores de Educação Física privilegiam os Feedbacks Individuais (82,60%) em detrimento dos de Grupo (11,8%) e Colectivos (5,68%). Pensamos que isto depende, unicamente, de ser uma opção de estilo de ensino.

2.6. Atenção do Atleta

Nos treinos dos Treinadores Professores de Educação Física, os Atletas demonstraram esta quase sempre atentos (96,70%). Apenas 0,30% mostraram estar desatentos. Aos restantes 2,97% não conseguimos determinar a sua atitude perante o Feedback.

Não podemos considerar estes valores como sendo totalmente fiáveis pois, como sugerem outros estudos semelhantes, não se pode afirmar que o Atleta esteja atento ao Feedback só porque olha (e parece ouvir) o Treinador Professor de Educação Física ou porque modifica o comportamento após ouvir o Feedback.

2.7. Reacção do Atleta

Verifica-se que 87,2% dos Atletas modificam o comportamento positivamente após os Feedbacks dos Treinadores Professores de Educação Física. Apenas 0,26% modificam o comportamento negativamente e 2,68% não modificam o comportamento. Também aqui, em 9,85% dos Atletas não conseguimos determinar a reacção destes pois, por vezes, “desapareciam” da imagem ou um colega colocava-se à sua frente.

O valor elevado da modificação positiva do comportamento pode ser explicado pelo facto de os Atletas estarem nos treinos, na maior parte dos casos, porque querem e, como tal, estarem mais receptivos às retroacções dos Treinadores Professores de Educação Física.

3. Análise descritiva da análise multidimensional do Feedback entre os Treinadores.

Após observarmos todos os Treinadores, organizámos a apresentação dos resultados em função das cinco Dimensões do Feedback e da Atenção e Reacção do Atleta ao Feedback.

Dimensão	Categoria	%
Conteúdo	Específico Global	2,98
	Específico Focado	92,30
	Não-Específico	4,72
Valor	Apropriado	93,96
	Incompleto	2,34
	Desapropriado	3,70
Objectivo	Avaliativo Positivo	6,25
	Avaliativo Negativo	6,51
	Descritivo	13,90
	Prescritivo	66,90
	Interrogativo	6,44
Forma	Verbal	81,90
	Visual	1,81
	Quinestésico	0,00
	Audio-Visual	15,50
	Audio-Táctil	0,79
Direcção	Individual	91,00
	Grupo	7,00
	Colectivo	2,00
Atenção	Atento	92,90
	Desatento	0,37
	Indeterminado	6,76
Reacção	Modifica o Comportamento Positivamente	80,60
	Modifica o Comportamento Negativamente	0,22
	Não modifica o Comportamento	4,71
	Indeterminado	14,30

Quadro 6 – Valores médios totais das frequências do Feedback em todas as Dimensões e Categorias, entre os Treinadores.

3.1. Dimensão Conteúdo

Na Dimensão Conteúdo, os Treinadores utilizam, maioritariamente, durante o treino, Feedbacks Específicos Focados (92,30%). Os Feedbacks Específicos Globais e os Feedbacks Não-Específicos, apresentam valores muito baixos, 2,98% e 4,72%, respectivamente. Estes resultados poderão dever-se ao facto de, os Treinadores, nos Escalões de Formação, terem a tendência de relacionarem as suas retroacções com a matéria do treino, com os objectivos da Unidade de Treino e, acima de tudo, com a parte de treino em que se encontram, ou seja, de não dispersarem o conteúdo dos Feedbacks, mas, sim, focarem-no com a tarefa ou parte de treino em que se encontram.

3.2. Dimensão Valor

Na Dimensão Valor de destacar que 93,96% dos Feedbacks, utilizados pelos Treinadores, são apropriados. Apenas 3,70% são desapropriados e 2,34% são incompletos. Isto significa que os Treinadores, independentemente da sua taxa de Feedback/minuto, quando veiculam informação, esta é normalmente correcta e ajustada à prestação do Atleta. A formação dos Treinadores poderá justificar estes valores elevados de Feedbacks apropriados.

3.3. Dimensão Objectivo

Aqui, como se pode observar no Quadro 6, os Feedbacks mais utilizados (66,96%) são os Prescritivos. Vêm depois os Descritivos (13,90%), os Avaliativos Negativos (6,51%), os Interrogativos (6,44%) e os Avaliativos Positivos (6,25%).

Nos Escalões de Formação, os Treinadores têm a tendência de prescrever aos Atletas a forma como devem realizar determinada execução pois julgam que ele ainda não domina suficientemente as matérias para conseguir, apenas através de uma questão ou descrição, corrigir uma execução. Com esta forma de intervenção, as retroacções avaliativas, quer sejam positivas ou negativas, acabam, também, por ficar para segundo plano.

3.4. Dimensão Forma

Na Dimensão Forma, os Treinadores utilizam mais Feedbacks Verbais (81,90%) e Feedbacks Audio-Visuais (15,50%). Os Feedbacks Visuais (1,81%) e Audio-Tácteis (0,79) são muito pouco utilizados.

A maior utilização de Feedbacks Verbais poderá ser explicada pela organização e estrutura dos exercícios, onde a maior parte das vezes os Treinadores dão Feedbacks aos Atletas quando estes estão a realizar a tarefa e não podem visualizar o Treinador. Os Feedbacks são quase sempre dados durante a execução e não no final dela.

3.5. Dimensão Direcção

Na Direcção do Feedback os Treinadores privilegiam os Feedbacks Individuais (91,00%) em detrimento dos de Grupo (7,00%) e Colectivos (2,00%). Pensamos que isto depende, unicamente, de uma opção de estilo de ensino.

3.6. Atenção do Atleta

Nos treinos orientados por Treinadores, os Atletas demonstraram estarem, quase sempre, atentos (92,90%). Apenas 0,37% estiveram desatentos. Aos restantes 6,76% não conseguimos determinar a sua atitude perante o Feedback.

Não podemos considerar estes valores como sendo totalmente fiáveis pois, como sugerem outros estudos semelhantes, não se pode afirmar que o Atleta esteja atento ao Feedback, só porque olha (e parece ouvir) o Treinador ou porque modifica o comportamento após ouvir o Feedback.

3.7. Reacção do Atleta

Verifica-se que 80,6% dos Atletas modificam o comportamento positivamente após os Feedbacks dos Treinadores Professores de Educação Física, 0,22% modificam-

-no negativamente e só 4,71% não o modificam. Também aqui, para 14,30% dos Atletas, não conseguimos determinar a sua Reacção pois, por vezes, desapareciam da imagem ou um colega colocava-se à sua frente.

O valor elevado da mudança positiva do comportamento pode ser explicada pelo facto de os Atletas estarem nos treinos, na maior parte dos casos, porque querem e, como tal, estarem mais receptivos às retroacções dos Treinadores.

4. Comparação entre os Treinadores Professores de Educação Física e os Treinadores, no que diz respeito à análise multidimensional do Feedback.

Vamos agora apresentar os resultados da comparação entre os Treinadores Professores de Educação Física e os Treinadores, no que diz respeito à análise multidimensional do Feedback. A comparação entre os dois grupos será feita utilizando a prova estatística não-paramétrica denominada Kruskal-Wallis, da qual apresentaremos a probabilidade de erro que lhe corresponde. Para a comparação, serão utilizados os valores em termos de Feedback/minuto.

Depois, iremos comparar os resultados por nós encontrados com o de outros estudos semelhantes.

Os resultados da comparação incidiram sobre as cinco Dimensões do Feedback anteriormente apresentadas, Conteúdo, Valor, Objectivo, Forma e Direcção, e sobre a Atenção e Reacção do Atleta ao Feedback.

O Quadro 7 apresenta-nos uma síntese dos resultados, caracterizando as diferenças entre os grupos através da apresentação do valor H e a probabilidade de erro (P) que lhe corresponde.

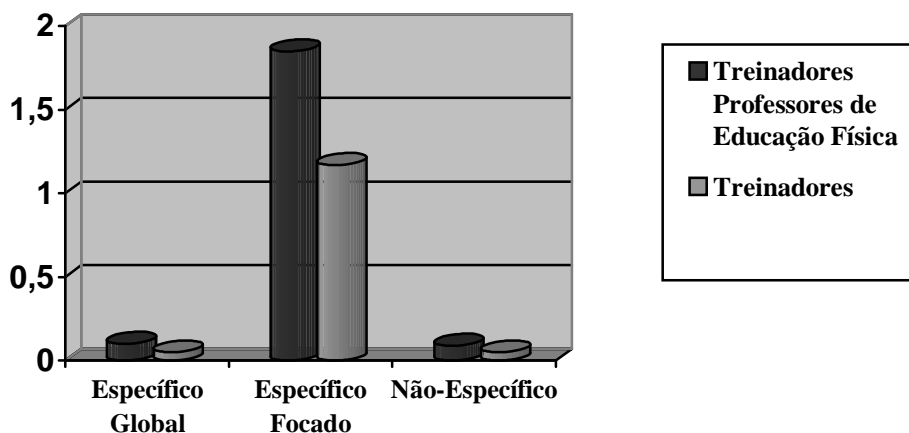
Dimensão	Categoria	Méd.	D.P.	H	P
Conteúdo	Específico Global	0,07	0,08	1,598	,206
	Específico Focado	1,51	0,71	4,412	,036*
	Não-Específico	0,07	0,15	0,716	,397
Valor	Apropriado	1,55	0,64	4,412	,036*
	Incompleto	0,06	0,09	3,192	,074
	Desapropriado	0,04	0,03	1,103	,294
Objectivo	Avaliativo Positivo	0,13	0,11	3,188	,074
	Avaliativo Negativo	0,09	0,03	0,893	,345
	Descritivo	0,25	0,17	2,824	,093
	Prescritivo	1,11	0,47	3,982	,046*
	Interrogativo	0,08	0,06	0,893	,345
Forma	Verbal	1,24	0,55	1,103	,294
	Visual	0,02	0,02	0,201	,654
	Quinestésico	0,0	0,0	0,0	1,000
	Audio-Visual	0,39	0,34	3,188	,074
	Audio-Táctil	0,01	0,02	0,121	,728
Direcção	Individual	1,44	0,62	2,824	,141
	Grupo	0,13	0,13	2,162	,093
	Colectivo	0,08	0,19	0,974	,324
Atenção	Atento	1,58	0,71	3,982	,046*
	Desatento	0,006	0,01	0,076	,783
	Indeterminado	0,07	0,09	0,707	,400
Reacção	Modifica o Comportamento Positivamente	1,42	0,72	4,412	,036*
	Modifica o Comportamento Negativamente	0,005	0,01	0,008	,927
	Não modifica o Comportamento	0,06	0,07	1,342	,247
	Indeterminado	0,17	0,16	1,335	,248

Quadro 7 – Comparação entre os dois grupos de Treinadores, em todo o treino, em todas as Dimensões e Categorias.

* - Revelam-se diferenças significativas entre os dois grupos.

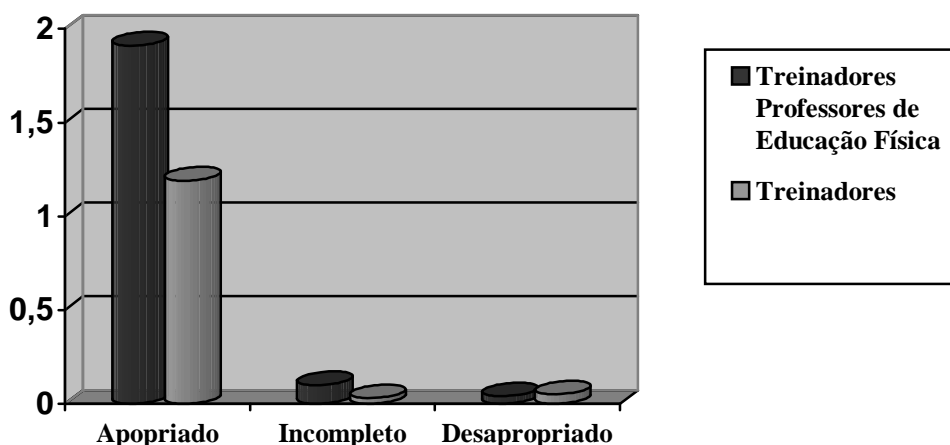
Na Dimensão Conteúdo, encontramos diferenças significativas na Categoria Específico Focado. Os Treinadores Professores de Educação Física apresentam uma taxa superior de Feedback/minuto do que os Treinadores (1,85 contra 1,17; 90,24% e 92,13%, respectivamente). Os Treinadores Professores de Educação Física apresentam uma maior preocupação em fornecer retroacções relacionadas com a parte do treino em que se encontram. Rosado (1988), no seu estudo no Atletismo, concluiu que os Professores especialistas fornecem mais Feedbacks específicos do que os não especialistas. Também Pieron (1982) conclui que uma das variáveis que distingue os Professores mais efectivos dos menos efectivos, é o Feedback específico. Estes estudos são indicadores de que a formação influencia a taxa de utilização de Feedbacks específicos.

Gráfico 1 - Comparação entre os dois grupos de Treinadores, na Dimensão Conteúdo, em termos de taxa de Feedback/minuto



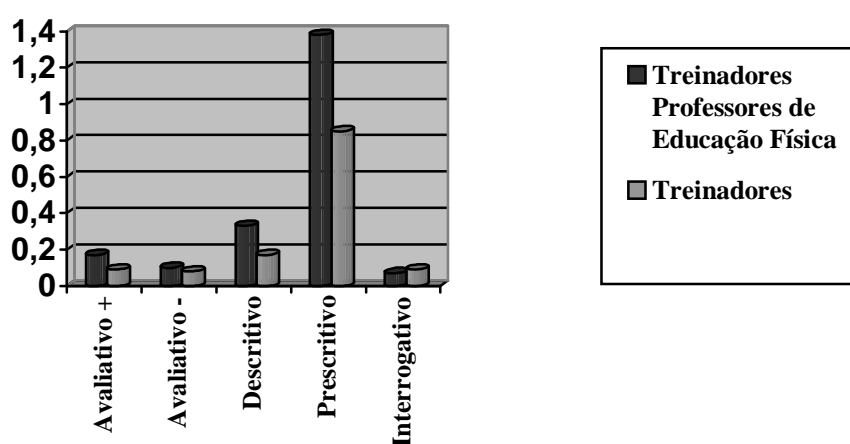
Na Dimensão Valor, existem diferenças significativas na Categoria Apropriado. Os Treinadores Professores de Educação Física fornecem mais Feedbacks Apropriados por minuto do que os Treinadores (1,91 contra 1,19; 93,17% e 93,70%, respectivamente). Apesar da diferença significativa encontrada, ambos os grupos de Treinadores apresentam uma taxa muito superior de Feedbacks Apropriados do que de Feedbacks Incompletos e Desapropriados. Os dois grupos, apesar de apresentarem uma taxa baixa de Feedbacks Apropriados, demonstram a preocupação de, apesar de darem poucos Feedbacks por minuto, quando dão, veicularem, quase sempre, uma informação correcta, que traduz uma avaliação ajustada da prestação do Atleta.

Gráfico 2 - Comparação entre os dois grupos de Treinadores, na Dimensão Valor, em termos de taxa de Feedback/minuto



Na Categorias Prescritivo, da Dimensão Objectivo, também encontramos diferenças significativas. Também aqui, os Treinadores Professores de Educação Física apresentam uma taxa superior de Feedbacks Prescritivos/minuto (1,38) comparada com a dos Treinadores (0,85); (55,20% e 66,93%, respectivamente). No entanto, apesar da diferença, ambos os grupos apresentam uma percentagem muito superior de Feedbacks Prescritivos do que os das outras Categorias, como podemos observar no Gráfico 3.

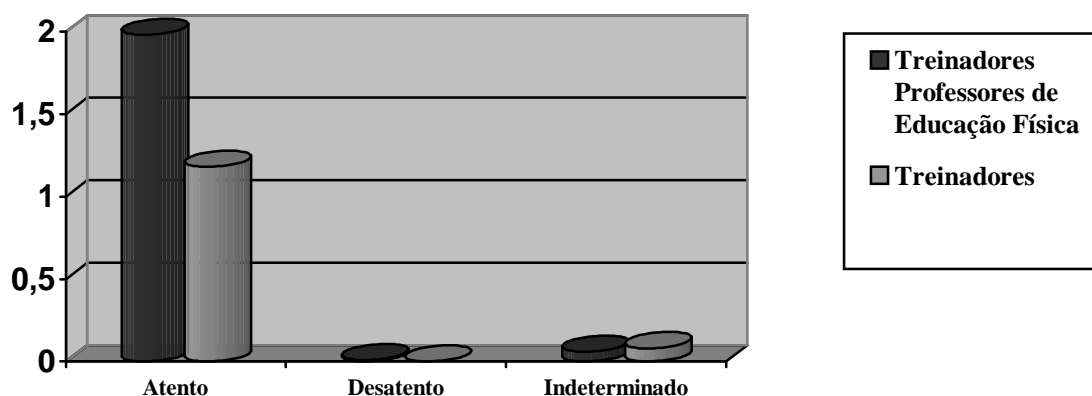
Gráfico 3 - Comparação entre os dois grupos de Treinadores, na Dimensão Objectivo, em termos de taxa de Feedback/minuto



No que se refere à Atenção do Atleta, encontramos diferenças significativas na Categorias Atento. Os Atletas prestam mais Atenção aos Feedbacks emitidos pelos Treinadores Professores de Educação Física do que aos Treinadores (1,98 contra 1,18; 95,59% e 92,91%, respectivamente).

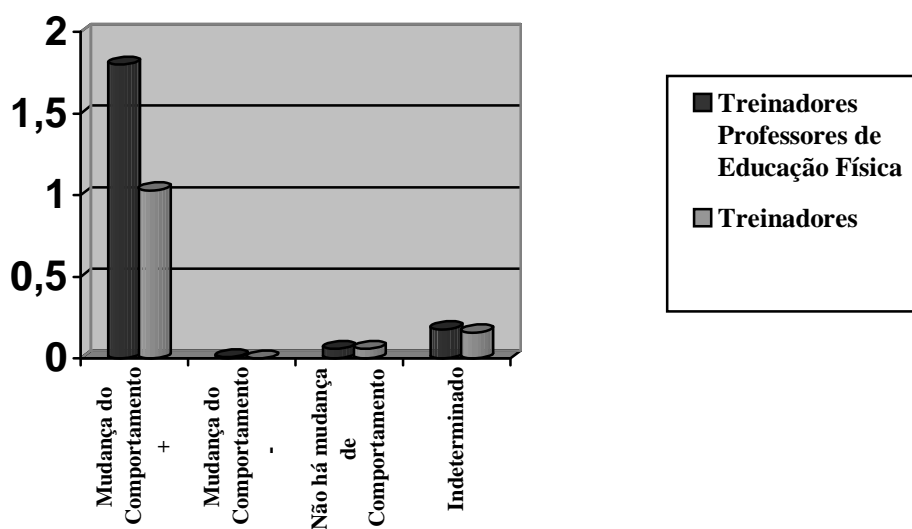
Os Treinadores Professores de Educação Física, como podemos observar no Gráfico 4, apresentam taxas de Feedback/minuto mais elevadas do que os Treinadores. Os Atletas acabam por se habituar ao grande número de informações veiculadas pelos Treinadores Professores de Educação Física, pelo que se habitua a estar atentos a elas. Assim, os valores da Categorias Atento, são proporcionais à taxa de Feedback/minuto dos Treinadores Professores de Educação Física.

Gráfico 4 - Comparação entre os dois grupos de Treinadores, na Dimensão Atenção do Atleta, em termos de taxa de Feedback/minuto



Na Reacção do Atleta ao Feedback, encontramos diferenças significativas na Categoria Modifica o Comportamento Positivamente. Mais uma vez, os valores dos Treinadores Professores de Educação Física (1,80) são superiores aos dos Treinadores (1,03); (87,80% e 81,10%, respectivamente). Confirma-se a confiança que os Atletas têm nos Treinadores Professores de Educação Física, tentando alterar a sua prestação utilizando o conteúdo do Feedback.

Gráfico 5 - Comparação entre os dois grupos de Treinadores, na Dimensão Reacção do Atleta, em termos de taxa de Feedback/minuto



CAPÍTULO II – Análise das Dimensões Conteúdo e Valor nas quatro situações do treino: na Prática dos Fundamentos, na Competição Simples (1x1, 2x2, etc.), na Competição Formal ou Completa (Jogo Formal) e nas Actividades Não-Específicas.

1. Introdução

Neste capítulo, e numa primeira abordagem, vamos analisar, descritivamente, as Dimensões Conteúdo e Valor nas quatro situações do treino por nós abordados: na Prática dos Fundamentos, na Competição Simples (1x1, 2x2, etc.), na Competição Formal ou Completa (Jogo Formal) e nas Actividades Não-Específicas.

Seguidamente, iremos apresentar os resultados da comparação dentro das Dimensões Conteúdo e Valor entre as quatro situações do treino.

A comparação dentro das Dimensões Conteúdo e Valor será feita utilizando a análise da variância (ANOVA – one way), da qual apresentaremos o valor de F ratio e a probabilidade de erro que lhe corresponde.

Numa segunda abordagem iremos comparar os resultados por nós encontrados com o de outros estudos semelhantes.

2. Dimensão Conteúdo

Vamos, neste ponto, apresentar os valores médios obtidos em cada uma das quatro partes do treino, nas três Categorias da Dimensão Conteúdo: Feedback Específico Global, Feedback Específico Focado e Feedback Não-Específico.

Partes do Treino	Conteúdo	Méd.	D.P.
Actividades Não-Específicas	Específico Global	74,44	25,63
	Específico Focado	16,67	36,19
	Não-Específico	8,89	26,63
Prática de Fundamentos	Específico Global	3,17	5,08
	Específico Focado	93,27	8,99
	Não-Específico	3,56	7,55
Competição Simples	Específico Global	7,25	8,92
	Específico Focado	89,46	13,74
	Não-Específico	3,29	4,99
Jogo Formal	Específico Global	5,67	9,44
	Específico Focado	91,06	20,49
	Não-Específico	3,27	8,98

Quadro 8 - Valores médios, em termos percentuais, e desvio padrão, obtidos em cada uma das quatro partes do treino, nas três Categorias da Dimensão Conteúdo, no total dos Treinadores.

2.1. Feedback Específico Global

Como podemos verificar no Quadro 8, os Treinadores e Treinadores Professores de Educação Física apresentam uma percentagem deste Feedback muito maior nas Actividades Não-Específicas (74,44%) do que nas outras partes do treino (3,17% na Prática de Fundamentos, 7,25% na Competição Simples e 5,67% no Jogo Formal).

As Actividades Não-Específicas podem ser o aquecimento ou a parte de relaxamento, que são fases importantes do treino mas que, muitas vezes, só estão ligadas à matéria do treino de uma forma generalista. Assim, é usual que o valor desta Categorias seja mais elevado nesta parte do treino.

2.2. Feedback Específico Focado

Nesta Categorias, e ao contrário da anterior, os valores mais elevados encontram-se na Prática de Fundamentos (93,27%), Jogo Formal (91,06) e Competição Simples (89,46%), enquanto nas Actividades Não-Específicas, apresentam, apenas, 16,67%. Aqui podemos inverter a justificação do ponto anterior. Nas partes do treino mais ligadas à matéria do treino, os Treinadores demonstram a preocupação de focarem sempre conteúdos específicos das diferentes partes do treino, com excepção nas Actividades Não-Específicas.

É também de realçar que, comparando os valores da Prática de Fundamentos e do Jogo Formal, podemos afirmar que, por vezes, os Treinadores preocupam-se na situação de Jogo Formal em dar Feedbacks com conteúdos diferentes dos da parte do treino em causa (ex: um gesto técnico).

2.3. Feedback Não-Específico

Não se registaram muitos Feedback Não-Específicos durante os treinos. Apenas nas Actividades Não-Específicas o valor pode ser considerado alto (8,99%). Nas outras partes do treino, Prática de Fundamentos, Competição Simples e Jogo Formal, os valores são baixos (3,56%, 3,29% e 3,27%, respectivamente).

É natural que nas Actividades Não-Específicas, os Treinadores abordem, por vezes, conteúdos que não estão ligados à matéria destas actividades, por estas serem demasiado generalistas ou por serem da responsabilidade dos Atletas. Muitas vezes, os Treinadores deixam que os Atletas façam o aquecimento individual e preocupam-se com outros factores como o comportamento, por exemplo.

3. Dimensão Valor

Neste ponto, vamos apresentar os valores médios obtidos em cada uma das quatro partes do treino, nas três Categorias da Dimensão Valor: Feedback Adequado, Feedback Incompleto e Feedback Inadequado.

Partes do Treino	Conteúdo	Méd.	D.P.
Actividades Não-Específicas	Adequado	100,00	0,00
	Incompleto	0,00	0,00
	Inadequado	0,00	0,00
Prática de Fundamentos	Adequado	93,30	6,05
	Incompleto	3,91	6,21
	Inadequado	2,79	4,00
Competição Simples	Adequado	92,67	5,30
	Incompleto	5,24	4,59
	Inadequado	2,09	2,44
Jogo Formal	Adequado	96,61	20,77
	Incompleto	2,48	4,37
	Inadequado	0,91	1,63

Quadro 9 - Valores médios, em termos percentuais, e desvio padrão, obtidos em cada uma das quatro partes do treino, nas três Categorias da Dimensão Valor, no total dos Treinadores.

3.1. Feedback Adequado

Os dois grupos de Treinadores, como podemos observar pelo Quadro 9, apresentam valores muito elevados de Feedbacks adequados, nas quatro partes dos treinos (Actividades Não-Específicas 100,00%, Prática de Fundamentos 93,30%, Competição Simples 92,67% e Jogo Formal 96,61%).

Estes valores elevados, de Feedbacks Adequados, nas quatro partes do treino, justificam-se da mesma forma que nós apresentámos anteriormente, quando abordámos esta Categoria em termos de totais nos dois grupos de Treinadores. Também aí, o valor de Feedback Adequado era muito elevado. Parece que os Treinadores, mesmo quando intervêm pouco no treino, têm a preocupação em intervir adequadamente, independentemente da parte do treino em que se encontram. A formação que têm para treinar estes escalões incide muito nestes aspectos da intervenção do Treinador.

3.2. Feedback Incompleto

Se a maior parte dos Feedbacks são adequados, parece-nos natural que, nesta Categorias, os valores por nós encontrados, independentemente da parte do treino, sejam baixos. O valor mais baixo aparece nas Actividades Não-Específicas (0,00%), o mais alto na Competição Simples (5,24%). A Prática de Fundamentos e o Jogo Formal obtêm, respectivamente, 3,91% e 2,48%.

3.3. Feedback Inadequado

Nesta Categorias, também os valores encontrados, em cada uma das partes dos treinos, são semelhantes e baixos. As Actividades Não-Específicas voltam a ter 0,00%, enquanto que a Prática de Fundamentos tem 2,79%, a Competição Simples 2,09% e o Jogo Formal 0,91%.

4. Comparação dentro das Dimensões Conteúdo e Valor entre as quatro situações do treino: na Prática dos Fundamentos, na Competição Simples (1x1, 2x2, etc.), na Competição Formal ou Completa (Jogo Formal) e nas Actividades Não-Específicas.

A comparação dentro das Dimensões Conteúdo e Valor foi feita utilizando a análise da variância (ANOVA – one way).

O Quadro 10 apresenta o valor de F ratio e a probabilidade de erro que lhe corresponde.

Dimensão	Categoria	F	P
Conteúdo	Específico Global	,376	,770
	Específico Focado	6,323	,001*
	Não-Específico	,263	,852
Valor	Apropriado	5,722	,002*
	Incompleto	4,170	,011*
	Desapropriado	3,684	,018*

Quadro 10 – Comparação dentro das Dimensões Conteúdo e Valor entre as diferentes partes do treino.

** - Revelam-se diferenças significativas entre os dois grupos.*

Realizámos o teste de Schéffé para identificarmos quais os grupos que diferem entre eles de modo significativo.

Conteúdo	Partes do Treino		P
Específico Focado	Actividades Não-Específicas	Prática de Fundamentos	,010
		Competição Simples	,005
Valor	Partes do Treino		P
Apropriado	Actividades Não-Específicas	Prática de Fundamentos	,012
		Competição Simples	,009
Incompleto	Actividades Não-Específicas	Competição Simples	,024
Desapropriado	Actividades Não-Específicas	Prática de Fundamentos	,034

Quadro 11 – Aplicando o teste de Schéffé, para um nível de significância de 0,05, revelam-se diferenças significativas entre as partes do treino

Quando comparámos os grupos na Dimensão Conteúdo, na Categorias do Feedback Específico Focado, verificaram-se diferenças significativas entre as Actividades Não-Específicas e a Prática de Fundamentos e entre as Actividades Não-Específicas e o Jogo Formal.

Na Dimensão Valor, encontrámos diferenças significativas nas três Categorias. Na Categorias Feedback Adequado, as diferenças significativas são entre as Actividades Não-Específicas e a Prática de Fundamentos, e entre as Actividades Não-Específicas e a Competição Simples. Na Categoria Feedback Inadequado, encontramos diferenças significativas entre a parte das Actividades Não-Específicas e a Competição Simples. Finalmente, na Categorias Feedback Inadequado, as diferenças significativas voltam a ser entre as Actividades Não-Específicas e a Prática de Fundamentos.

Pieron e Renson (1988) demonstraram, num estudo no Futebol, que a taxa de Feedback varia em três partes do treino: Técnica, Tática e Jogo.

Capítulo III - Análise multidimensional do Feedback entre os Treinadores Professores de Educação Física e os Treinadores nas diferentes partes do treino, relativamente às Dimensões Conteúdo e Valor.

1. Introdução

Neste capítulo iremos apresentar, descritivamente, a análise multidimensional do Feedback entre os Treinadores Professores de Educação Física e os Treinadores nas diferentes partes do treino, relativamente às Dimensões Conteúdo e Valor. Os resultados serão sempre referidos em percentagens de modo a podermos confrontar os diversos resultados.

Numa segunda abordagem, iremos apresentar os resultados da comparação entre os Treinadores Professores de Educação Física e os Treinadores. A comparação entre os dois grupos será feita utilizando a prova estatística não-paramétrica denominada Kruskal-Wallis, da qual apresentaremos a probabilidade de erro que lhe corresponde.

Depois, iremos comparar os resultados por nós encontrados com o de outros estudos semelhantes.

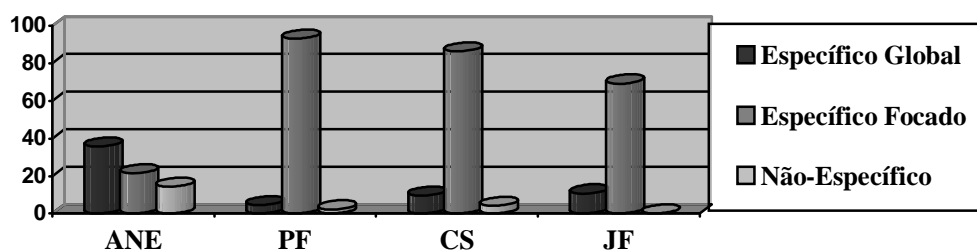
2. Análise descritiva da análise multidimensional do Feedback entre os Treinadores Professores de Educação Física nas diferentes partes do treino, nas Dimensões Conteúdo e Valor.

Após observarmos todos os Treinadores Professores de Educação Física organizámos a apresentação dos resultados em função das duas Dimensões, Conteúdo e Valor, e das respectivas Categorias.

2.1. Dimensão Conteúdo

Vamos, neste ponto, apresentar os valores médios obtidos em cada uma das quatro partes do treino nas três Categorias da Dimensão Conteúdo: Feedback Específico Global, Feedback Específico Focado e Feedback Não-Específico.

Gráfico 6 - Valores médios obtidos em cada uma das quatro partes do treino, nas três Categorias da Dimensão Conteúdo, nos Treinadores Professores de Educação Física.



2.1.1 Feedback Específico Global

Como podemos verificar no Gráfico 6, os Treinadores Professores de Educação Física apresentam uma percentagem deste Feedback muito maior nas Actividades Não-Específicas (35,71%) do que nas outras partes do treino (4,54% na Prática de Fundamentos, 9,60% na Competição Simples e 10,75% no Jogo Formal).

As Actividades Não-Específicas podem ser o aquecimento ou a parte de relaxamento, que são fases importantes do treino mas que, muitas vezes, só estão ligadas à matéria do treino de uma forma generalista. Assim, é normal que o valor desta Categoria seja mais elevado nesta parte do treino.

2.1.2 Feedback Específico Focado

Nesta Categoria, e ao contrário da anterior, os valores mais elevados encontram-se na Prática de Fundamentos (93,18%), Competição Simples (86,28%) e Jogo Formal (69,25%) enquanto nas Actividades Não-Específicas apresentam, apenas, 21,43%. Nas partes do treino mais ligadas à matéria do treino, os Treinadores Professores de

Educação Física demonstram a preocupação em focarem sempre conteúdos específicos das diferentes partes do treino, com excepção nas Actividades Não-Específicas.

É também de realçar que, comparando os valores da Prática de Fundamentos e do Jogo Formal, podemos afirmar que, em algumas situações, os Treinadores Professores de Educação Física preocupam-se, na situação de Jogo Formal, em dar Feedbacks focados em conteúdos diferentes dos da parte do treino em causa (ex: sobre um gesto técnico).

2.1.3 Feedback Não-Específico

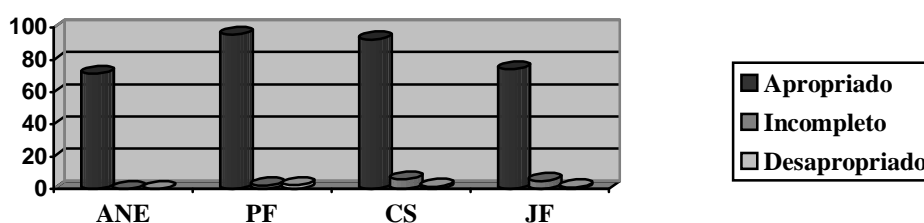
Não se registaram muitos Feedback Não-Específicos durante os treinos. Apenas nas Actividades Não-Específicas o valor pode ser considerado elevado (14,29%). Nas outras partes do treino, Prática de Fundamentos, Competição Simples e Jogo Formal, os valores são baixos (2,27%, 4,12% e 0,00%, respectivamente).

É natural que nas Actividades Não-Específicas, os Treinadores Professores de Educação Física abordem, por vezes, conteúdos que não estão ligados à matéria destas actividades, por estas serem demasiado generalistas ou por serem da responsabilidade dos Atletas. Muitas vezes, os Treinadores Professores de Educação Física deixam que os Atletas façam o aquecimento individual, e preocupam-se com outros factores, como o comportamento, por exemplo.

2.2. Dimensão Valor

Neste ponto, vamos apresentar os valores médios obtidos em cada uma das quatro partes do treino, nas três Categorias da Dimensão Valor: Feedback Apropriado, Feedback Incompleto e Feedback Desapropriado.

Gráfico 7 - Valores médios obtidos em cada uma das quatro partes do treino, nas três Categorias da Dimensão Valor, nos Treinadores Professores de Educação Física.



2.2.1. Feedback Apropriado

Os Treinadores Professores de Educação Física, como podemos observar pelo Gráfico, apresentam valores muito elevados de Feedbacks Apropriados, nas quatro partes dos treinos (Actividades Não-Específicas 71,43%, Prática de Fundamentos 95,79%, Competição Simples 92,83% e Jogo Formal 74,18%).

É interessante verificar que os Treinadores Professores de Educação Física têm um valor mais elevado de Feedbacks Apropriados na Prática de Fundamentos e Competição Simples do que no Jogo Formal. A maior complexidade em observar os Atletas em situação de jogo, poderá estar na origem de uma maior dificuldade em detectar as causas de determinadas prestações.

2.2.2. Feedback Incompleto

O valor mais baixo aparece nas Actividades Não-Específicas (0,00%), o mais alto na Competição Simples (5,86%). A Prática de Fundamentos e o Jogo Formal obtêm, respectivamente, 2,01% e 4,95%. Em algumas situações, os Treinadores Professores de Educação Física tentam simplificar o conteúdo do Feedback ou ocultam parte da informação, originando um Feedback que não completa uma avaliação ajustada da prestação do Atleta.

2.2.3. Feedback Desapropriado

A formação dos Treinadores Professores de Educação Física poderá ser a causa de apenas uma percentagem mínima dos Feedbacks, como podemos verificar no Gráfico, não representar uma avaliação ajustada ou incorrecta da prestação do Atleta.

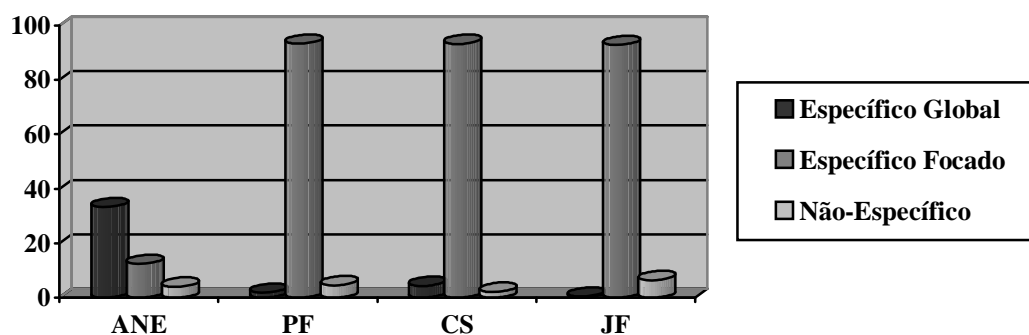
3. Análise descritiva da análise multidimensional do Feedback entre os Treinadores nas diferentes partes do treino, nas Dimensões Conteúdo e Valor.

Após observarmos todos os Treinadores, organizámos a apresentação dos resultados em função das duas Dimensões, Conteúdo e Valor, e das respectivas Categorias.

3.1. Dimensão Conteúdo

Nesta Dimensão vamos apresentar os valores médios obtidos em cada uma das quatro partes do treino nas três Categorias da Dimensão Conteúdo: Feedback Específico Global, Feedback Específico Focado e Feedback Não-Específico.

Gráfico 8 - Valores médios obtidos em cada uma das quatro partes do treino, nas três Categorias da Dimensão Conteúdo, nos Treinadores.



3.1.1. Feedback Específico Global

Como podemos verificar no Gráfico 8, os Treinadores apresentam uma percentagem deste Feedback muito maior nas Actividades Não-Específicas (33,33%) do que nas outras partes do treino (1,97% na Prática de Fundamentos, 4,43% na Competição Simples e 0,59% no Jogo Formal).

As Actividades Não-Específicas podem ser o aquecimento ou a parte de relaxamento, que são fases importantes do treino mas que, muitas vezes, só estão ligadas à matéria do treino de uma forma generalista. Assim, é normal que o valor desta Categorias seja mais elevado nesta parte do treino.

3.1.2. Feedback Específico Focado

Nesta Categoria, e ao contrário da anterior, os valores mais elevados encontram-se na Prática de Fundamentos (93,35%), Competição Simples (93,26%) e Jogo Formal (92,86%) enquanto na Actividades Não-Específicas apresentam, apenas, 12,50%. Nas partes do treino mais ligadas à matéria do treino, os Treinadores demonstram a preocupação em focarem sempre conteúdos específicos das diferentes partes do treino, com excepção nas Actividades Não-Específicas.

É também de realçar que os valores da Prática de Fundamentos, da Competição Simples e do Jogo Formal, são muito elevados e semelhantes, confirmando a preocupação dos Treinadores em intervirem em cada uma das partes consoante o seu conteúdo específico e relacionado com a matéria do treino.

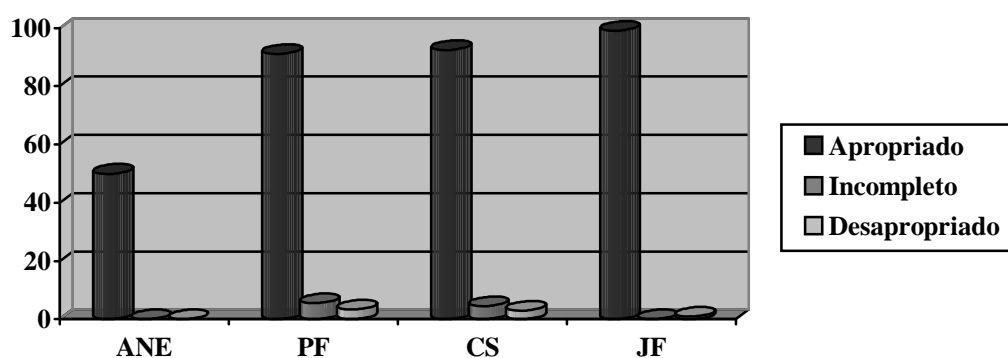
3.1.3. Feedback Não-Específico

Os valores desta Categorias são relativamente baixos. Nas Actividades Não-Específicas 4,17%, na Prática de Fundamentos 4,68%, na Competição Simples 2,30%, e no Jogo Formal 6,55%.

3.2. Dimensão Valor

Neste ponto, vamos apresentar os valores médios obtidos em cada uma das quatro partes do treino, nas três Categorias da Dimensão Valor: Feedback Adequado, Feedback Incompleto e Feedback Inadequado.

Gráfico 9 - Valores médios obtidos em cada uma das quatro partes do treino, nas três Categorias da Dimensão Valor, nos Treinadores.



3.2.1. Feedback Adequado

Os Treinadores Professores de Educação Física, como podemos observar pelo Gráfico, apresentam valores muito elevados de Feedbacks Adequados, nas quatro partes dos treinos (Actividades Não-Específicas 50,00%, Prática de Fundamentos 91,11%, Competição Simples 92,49% e Jogo Formal 99,05%).

As Actividades Não-Específicas apresentam um valor médio (50,00%), porque quatro Treinadores apresentam 100,00% e os outros quatro apresentam 0,00% por não terem proferido qualquer Feedback. Nas outras partes do treino é de realçar a preocupação dos Treinadores, independentemente da taxa de Feedback/minuto, em veicular informação correcta e ajustada à maior parte das prestações dos Atletas. A sua formação específica para trabalhar com estas faixas etárias ou a sua vocação, justificam estes valores.

3.2.2. Feedback Incompleto

O valor mais baixo aparece nas Actividades Não-Específicas e no Jogo Formal (0,00%), e o mais alto na Prática de Fundamentos (5,57%). A Competição Simples apresenta 4,50%. Em algumas situações, os Treinadores tentam simplificar o conteúdo do Feedback ou ocultam parte da informação, originando um Feedback que não completa uma avaliação ajustada da prestação do Atleta.

3.2.3. Feedback Desapropriado

A formação dos Treinadores poderá ser a causa de apenas uma percentagem mínima dos Feedbacks não representar uma avaliação ajustada ou incorrecta da prestação do Atleta (0,00% nas Actividades Não-Específicas , 3,32% na Prática de Fundamentos, 3,01% na Competição Simples e 0,95% no Jogo Formal.

4. Comparação entre os Treinadores e os Treinadores Professores de Educação Física nas diferentes partes do treino, nas Dimensões Conteúdo e Valor.

Vamos agora apresentar os resultados da comparação entre os Treinadores Professores de Educação Física e os Treinadores, nas diferentes partes do treino, nas Dimensões Conteúdo e Valor. A comparação entre os dois grupos será feita utilizando a prova estatística não-paramétrica de Kruskal-Wallis, da qual apresentaremos a probabilidade de erro que lhe corresponde. Para a comparação, serão utilizados os valores em termos de Feedback/minuto e de percentagens.

Depois, iremos comparar os resultados por nós encontrados com os de outros estudos semelhantes.

O Quadro 12 apresenta-nos uma síntese dos valores caracterizando as diferenças entre os grupos através da apresentação do valor H e a probabilidade de erro (P) que lhe corresponde.

Dimensão	Categoria	ANE		PF		CS		JF	
		<i>H</i>	<i>P</i>	<i>H</i>	<i>P</i>	<i>H</i>	<i>P</i>	<i>H</i>	<i>P</i>
Conteúdo	Específico Global	*	*	0,536	,464	3,692	,055	2,340	,126
	Específico Focado	*	*	0,121	,728	0,533	,465	0,273	,602
	Não-Específico	*	*	0,477	,490	0,486	,486	2,222	,136
Valor	Apropriado	*	*	0,214	,643	1,200	,273	0,273	,602
	Incompleto	*	*	0,089	,765	0,209	,647	0,149	,054
	Desapropriado	*	*	0,394	,530	0,330	,566	3,716	,700

Quadro 12 – Comparação entre os dois grupos de Treinadores, nas quatro partes do treino, nas Dimensões Conteúdo e Valor.

** - A quase totalidade de valores igual a zero não permitiu a comparação.*

Não encontramos diferenças significativas, entre os dois grupos de Treinadores, nas Dimensões Conteúdo e Valor, nas quatro partes do treino por nós estudadas.

Ambos os grupos de Treinadores demonstraram a mesma preocupação ao nível dos Feedbacks/minuto e respectivas percentagens, no que se refere a estas duas Dimensões e respectivas Categorias.

CAPÍTULO IV – Análise da Atenção e Reacção do Atleta ao Feedback entre os dois grupos de Treinadores.

1. Introdução

Neste capítulo iremos apresentar descritivamente a análise da Atenção e Reacção do Atleta ao Feedback entre os Treinadores Professores de Educação Física e os Treinadores. Os resultados serão sempre referidos em percentagens, de modo a podermos confrontar os diversos resultados.

Numa segunda abordagem, apresentaremos os resultados da comparação entre os Treinadores Professores de Educação Física e os Treinadores. A comparação entre os dois grupos será feita utilizando a prova estatística não-paramétrica de Kruskal-Wallis, da qual apresentaremos a probabilidade de erro que lhe corresponde.

Em seguida, iremos apresentar os mesmos resultados da comparação de uma forma descritiva sempre referidos em percentagens, de forma a podermos confrontar os diversos resultados.

Finalmente, faremos a comparação entre os resultados por nós encontrados e os de outros estudos semelhantes.

2. Análise descritiva da Atenção e Reacção do Atleta ao Feedback entre os Treinadores Professores de Educação Física.

Após observarmos todos os Treinadores Professores de Educação Física organizámos a apresentação dos resultados em função da Atenção e Reacção do Atleta ao Feedback.

2.1. Atenção do Atleta ao Feedback.

Como podemos observar no Quadro, uma percentagem muito elevada dos Atletas está atento ao Feedback (96,70%) quando orientado por um Treinador Professor de Educação Física. Apenas 0,30% estão desatentos e 2,97% foram indeterminados.

Como já foi dito anteriormente, aquando da apresentação dos totais da análise multidimensional do Feedback, a análise da Atenção do Atleta ao Feedback é muito subjectiva pois, o Atleta, pode não estar a olhar para o Treinador Professor de Educação Física, mas a ouvir a retroacção, pode estar a observar o Treinador Professor de Educação Física, mas não estar atento ou pode estar a olhar o Treinador Professor de Educação Física e a ouvi-lo. Assim, podemos utilizar estes valores apenas como uma referência para a análise da Reacção dos Atletas ao Feedback.

Dimensão	Categoria	%
Atenção	Atento	96,70
	Desatento	0,30
	Indeterminado	2,97

Quadro 13 – Valores médios totais das frequências do Feedback na Dimensão Atenção, entre os Treinadores Professores de Educação Física.

2.2. Reacção do Atleta ao Feedback.

Os Atletas, quase sempre (87,20%), modificam os seus comportamentos positivamente após o Feedback. Apenas 0,26% o modificaram negativamente, 2,68% não o alteraram e 9,85% dos casos foram indeterminados. O facto de os Treinadores Professores de Educação Física veicularem Feedback apropriados e o facto de os Atletas treinarem, quase sempre, por gosto e não por obrigação, estará na origem da alteração positiva da prestação dos Atletas após a retroacção.

Dimensão	Categoria	%
Reacção	Modifica o Comportamento Positivamente	87,20
	Modifica o Comportamento Negativamente	0,26
	Não modifica o Comportamento	2,68
	Indeterminado	9,85

Quadro 14 – Valores médios totais das frequências do Feedback na Dimensão Reacção, entre os Treinadores Professores de Educação Física.

3. Análise descritiva da Atenção e Reacção do Atleta ao Feedback entre os Treinadores.

Organizámos a apresentação dos resultados da observação dos Treinadores em função da Atenção e Reacção do Atleta ao Feedback.

3.1. Atenção do Atleta ao Feedback.

Uma percentagem bastante elevada dos Atletas orientados pelo grupo dos Treinadores está atento ao Feedback (92,90%). Apenas 0,37% estão desatentos e 6,76% foram indeterminados.

A justificação desta Categorias apresentada anteriormente nos Treinadores Professores de Educação Física, aplica-se também aos Treinadores, ou seja, a análise da Atenção do Atleta ao Feedback é muito subjectiva pois, pode não estar a olhar para o Treinador mas a ouvir a retroacção, pode estar a observar o Treinador mas não estar atento ou pode estar a olhar para o Treinador e a ouvi-lo. Assim, podemos utilizar estes valores apenas como uma referência para a análise da Reacção dos Atletas ao Feedback.

Dimensão	Categoria	%
Atenção	Atento	92,90
	Desatento	0,37
	Indeterminado	6,76

Quadro 15 – Valores médios totais das frequências do Feedback na Dimensão Atenção, entre os Treinadores.

3.2. Reacção do Atleta ao Feedback.

Os Atletas, quase sempre (80,60%), modificaram os seus comportamentos, positivamente, após o Feedback. Apenas 0,22% modificaram negativamente, 4,71% não o alteraram e 14,30% dos casos foram indeterminados. Também, neste grupo, facto de os Feedbacks veiculados serem geralmente apropriados, e o facto de os Atletas treinarem, quase sempre, por gosto e não por obrigação, estará na origem da alteração positiva da prestação dos Atletas após a retroacção.

Dimensão	Categoria	%
Reacção	Modifica o Comportamento Positivamente	80,60
	Modifica o Comportamento Negativamente	0,22
	Não modifica o Comportamento	4,71
	Indeterminado	14,30

Quadro 16 – Valores médios totais das frequências do Feedback na Dimensão Reacção, entre os Treinadores.

4. Comparação entre os Treinadores Professores de Educação Física e os Treinadores na Atenção e Reacção do Atleta ao Feedback.

Vamos agora apresentar os resultados da comparação entre os Treinadores Professores de Educação Física e os Treinadores, na Atenção e Reacção do Atleta ao Feedback. A comparação entre os dois grupos será feita utilizando a prova estatística não-paramétrica de Kruskal-Wallis, da qual apresentaremos a probabilidade de erro que lhe corresponde. Para a comparação, serão utilizados os valores em termos de Feedback/minuto.

Iremos, ainda, comparar os resultados por nós encontrados com os de outros estudos semelhantes.

O Quadro 17 apresenta-nos uma síntese dos resultados, caracterizando as diferenças entre os grupos através da apresentação do valor H e a probabilidade de erro (P) que lhe corresponde.

Dimensão	Categoria	Méd.	D.P.	H	P
Atenção	Atento	1,58	0,71	3,982	,046*
	Desatento	0,006	0,01	0,076	,783
	Indeterminado	0,07	0,09	0,707	,400
Reacção	Modifica o Comportamento Positivamente	1,42	0,72	4,412	,036*
	Modifica o Comportamento Negativamente	0,005	0,01	0,008	,927
	Não modifica o Comportamento	0,06	0,07	1,342	,247
	Indeterminado	0,17	0,16	1,335	,248

Quadro 17 – Comparação entre os dois grupos de Treinadores, em todo o treino, nas Dimensões Atenção e Reacção.

** - Revelam-se diferenças significativas entre os dois grupos.*

No que se refere à Atenção, encontramos diferenças significativas na Categoria Atento. Os Atletas prestam mais Atenção aos Feedbacks emitidos pelos Treinadores Professores de Educação Física do que aos Treinadores (1,98 contra 1,18; 95,59% e 92,91%, respectivamente).

Os Treinadores Professores de Educação Física, como podemos observar no Quadro 17, apresentam taxas de Feedback/minuto mais elevadas do que os Treinadores. Os Atletas acabam por se habituar ao grande número de informações veiculadas pelos Treinadores Professores de Educação Física, pelo que se habitua a estar atentos a elas. Assim, os valores da Categoria Atento são proporcionais à taxa de Feedback/minuto dos Treinadores Professores de Educação Física.

Na Reacção do Atleta ao Feedback, encontramos diferenças significativas na Categoria Modifica o Comportamento Positivamente. Mais uma vez, os valores dos Treinadores Professores de Educação Física (1,80) é superior aos dos Treinadores (1,03; 87,80% e 81,10%, respectivamente). Confirma-se a confiança que os Atletas têm nos Treinadores Professores de Educação Física, tentando alterar a sua prestação utilizando o conteúdo do Feedback.

Comparando Treinadores e Professores, Rodrigues (1989) encontrou no seu estudo, tal como nós, diferenças na Atenção e Reacção do Atleta ao Feedback.

Pina e Rodrigues (1994), num estudo com Treinadores e Atletas Seniores de Voleibol, apresentam valores em que demonstram que os Atletas estão quase sempre

atentos à informação (entre 96,1% e 97,7%). Também aqui os valores se aproximam dos nossos (96,70% nos Treinadores Professores de Educação Física e 92, 90% nos Treinadores).

CAPÍTULO V – Análise da taxa de Feedback/minuto entre os dois grupos de Treinadores.

1. Introdução

Neste capítulo apresentaremos, descritivamente, a taxa de Feedback/minuto entre os Treinadores Professores de Educação Física e os Treinadores. Os resultados serão sempre referidos em percentagens, de modo a podermos confrontar os diversos resultados.

Iremos apresentar, ainda, os resultados da comparação entre os Treinadores Professores de Educação Física e os Treinadores. A comparação entre os dois grupos será feita utilizando a prova estatística não-paramétrica de Kruskal-Wallis, da qual apresentaremos a probabilidade de erro que lhe corresponde.

Finalmente, iremos comparar os resultados por nós encontrados com os de outros estudos semelhantes.

2. Análise descritiva da taxa de Feedback/minuto entre os Treinadores Professores de Educação Física.

Após observarmos todos os Treinadores Professores de Educação Física, organizámos a apresentação dos resultados em função da taxa de Feedback/minuto.

Os Treinadores Professores de Educação Física apresentam, em média, uma taxa de 2,05 Feedbacks/minuto.

3. Análise descritiva da taxa de Feedback/minuto entre os Treinadores.

Após observarmos todos os Treinadores organizámos a apresentação dos resultados em função da taxa de Feedback/minuto.

Os Treinadores apresentam, em média, uma taxa de 1,27 Feedbacks/minuto.

4. Comparação entre os Treinadores Professores de Educação Física e os Treinadores na taxa de Feedback/minuto.

Vamos agora apresentar os resultados da comparação entre os Treinadores Professores de Educação Física e os Treinadores, na taxa de Feedback/minuto. A comparação entre os dois grupos será feita utilizando a prova estatística não-paramétrica de Kruskal-Wallis, com a probabilidade de erro que lhe corresponde. Para a comparação, serão utilizados os valores em termos de Feedback/minuto.

Depois, iremos comparar os resultados por nós encontrados com os de outros estudos semelhantes.

O Quadro 18 apresenta-nos uma síntese dos resultados, caracterizando as diferenças entre os grupos através da apresentação do valor H e a probabilidade de erro (P) que lhe corresponde.

Treinadores Professores de Educação Física	Treinadores	Méd.	D.P.	H	P
2,22	1,86	1,66	0,7081	3,982	,046
1,34	1,46				
2,94	1,02				
2,16	1,37				
3,14	1,36				
0,93	0,49				
1,77	1,19				
1,86	1,38				

Quadro 18 – Comparação entre os dois grupos de Treinadores na taxa de Feedback/minuto.

Encontrámos diferenças significativas entre os Treinadores e os Treinadores Professores de Educação Física. Os Treinadores Professores de Educação Física dão mais Feedbacks por minuto do que os Treinadores. Por serem Professores de Educação física e, nesta disciplina, a maior parte dos estudos apontam para a importância de uma taxa de Feedback/minuto elevada, os Treinadores que pertencem a este grupo, acabam

por transpor esta experiência para o treino, pois a faixa etária dos Atletas com que trabalham é idêntica aos Atletas com que estes Treinadores trabalham na Escola.

No entanto, quando comparamos estes resultados com outros estudos, verificamos que os Treinadores e os Treinadores Professores de Educação Física dão poucos Feedbacks por minuto.

Segundo Quina (1993), após uma consulta a vários autores, a formação e experiência profissional dos Professores influencia a taxa de emissão do Feedback.

Guimarães (1986), no Andebol, encontrou uma taxa de Feedback/minuto de 2,26. O estudo centrou-se sobre um Treinador Professor de Educação Física. O valor por nós encontrado nos Treinadores Professores de Educação Física está muito perto deste valor.

Também Gonçalves (1995), no Basquetebol, com Treinadores Professores de Educação Física, encontrou uma taxa de Feedback/minuto de 2,45.

Finalmente, Milho (1994), num estudo no Andebol com escalões de formação, refere que os Professores de Educação Física têm uma taxa superior de Feedbacks/minuto numa aula de Andebol, quando comparados com os Treinadores num treino.

CAPÍTULO VI – Análise da relação entre as decisões pré-interactivas e o comportamento interactivo do Treinador.

1. Introdução

Neste capítulo iremos apresentar a relação entre as decisões pré-interactivas e o comportamento interactivo do Treinador. Os resultados serão sempre referidos em valores quantitativos, de modo a podermos confrontar os diversos resultados.

Inicialmente, iremos apresentar, descritivamente, as decisões pré-interactivas do Treinador.

Numa segunda abordagem, iremos apresentar os resultados da relação entre as decisões pré-interactivas e o comportamento interactivo do Treinador. A relação entre as decisões pré-interactivas e o comportamento interactivo do Treinador será feita utilizando a técnica estatística não-paramétrica, o Qui-Quadrado, da qual apresentaremos o valor de F ratio e a probabilidade de erro que lhe corresponde.

Finalmente, iremos comparar os resultados por nós encontrados com o de outros estudos semelhantes.

2. Análise descritiva das decisões pré-interactivas do Treinador.

Após a descodificação das entrevistas, criamos as seguintes nove Categorias: Objectivo do treino, Aspectos Críticos neste treino, Estratégias para fazer face a estes aspectos críticos, Reacção dos Atletas a este treino, Importância do Feedback, Estrutura do treino, Objectivo do Feedback, forma do Feedback e Reacção dos Atletas ao Feedback.

As primeiras cinco Categorias não as observámos, directamente, no treino, enquanto que as restantes quatro, Estrutura do treino, Objectivo do Feedback, Forma do Feedback e Reacção dos Atletas ao Feedback, o foram, interactivamente.

	Objectivo do Treino			Estrutura do Treino				Aspectos Críticos neste Treino				Reacção dos atletas a estes treinos				Estratégias para fazer face a estes aspectos críticos				Importância do Feedback		Objectivo do Feedback				Forma do Feedback		Reacção dos atletas ao Feedback	
	Tr. Físico	Técnica	Táctica	ANE	PF	CS	JF	Altura da Época	C. Física	Pouca Competição	Técnica	Táctica	Positiva	Negativa	Motivá-los	Pausas	FB	Alterar Exercícios	Importante	Indiferente	Avaliativos	Interrogativos	Descritivos	Prescritivos	Verbais	Quinestésicos	Positivo	Negativo	
PS	1			1	1	1	1	1						1	1				1					1	1		1		
BF			1	1		1			1							1	1		1		1	1					1		
AM		1	1	1	1	1	1	1		1					1	1			1				1	1		1	1		
VS		1	1	1	1	1	1				1		1				1		1		1		1	1			1		
TO		1		1	1	1			1		1		1				1	1	1		1			1			1		
PAF		1	1	1	1				1					1			1	1	1					1			1		
PAC	1	1	1		1		1				1			1			1		1	1	1		1	1				1	
CX		1	1	1	1		1				1	1	1			1			1		1						1		

Quadro 19 – Resultados da Entrevista

2.1. Objectivo do treino.

Como podemos ver no Quadro 19, metade dos Treinadores referiu que a Técnica e a Tática seriam objectivos dos seus treinos. Da outra metade, um, referiu que apenas seria o treino técnico, outro só o treino físico, para outro, ainda, só o treino tático e, finalmente, para o último, as três componentes, física, técnica e tática seriam objectivo do treino.

O facto de seis Treinadores (75,00%) referirem a técnica e a tática como objectivos do treino vem demonstrar que, nos Escalões de Formação, a preocupação é

centrada nestes dois factores, considerados os mais importantes no desenvolvimento do jovem praticante.

2.2. Estrutura do treino

Sete dos oito Treinadores estudados utilizam, na estrutura dos seus treinos, Actividades Não-Específicas. Também sete Treinadores referem a Prática de Fundamentos como uma das partes do treino a abordar. Cinco, ainda dividem o treino em mais duas partes, Competição Simples e Jogo Formal. No entanto, apenas três Treinadores estruturam o treino abordando as quatro partes, dois três partes, enquanto os restantes três, só estruturam os treinos abordando duas das partes.

2.3. Aspectos Críticos neste treino

Quatro Treinadores consideraram que a Técnica seria um dos aspectos mais críticos no treino. Isto justifica-se pelo facto de nestes escalões etários, os Atletas ainda terem muitas dificuldades em executar ou mesmo compreender os gestos técnicos da modalidade. Três, consideraram a Condição Física dos Atletas como um dos factores críticos no seu treino, dois, a Altura da Época em que o treino se realizou, um, a Pouca Competição e, um outro, a Tática.

2.4. Estratégias para fazer face a estes aspectos Críticos

Metade dos Treinadores considera que o recurso ao Feedback é uma das estratégias para fazer face aos aspectos críticos do treino. Dois, irão utilizar as pausas como estratégia, dois poderão alterar exercícios e, dois, tentarão motivar os Atletas. Todas estas estratégias, propostas pelos Treinadores, tiveram em conta o Objectivo e a Estrutura do treino.

2.5. Reacção dos Atletas a este treino

Cinco Treinadores consideraram que a Reacção dos Atletas ao treino seria positiva, enquanto que três Treinadores consideraram que a Reacção seria negativa. Os Treinadores sabem que o Objectivo e a Estrutura do treino condicionam a motivação dos Atletas, pelo que, como conhecem bem os seus Atletas, sabem como eles reagirão ao treino.

2.6. Importância do Feedback

Sete Treinadores consideram o Feedback como um instrumento importante do treino. Um dos Treinadores considera a utilização dos Feedbacks como indiferente. Por estarem a orientar jovens Atletas, os Treinadores sabem da importância que a retroacção tem no desenvolvimento das prestações dos jovens Atletas.

2.7. Objectivo do Feedback

Os Treinadores apenas referem, na Dimensão Objectivo, as Categorias Avaliativo, Interrogativo, Descritivo e Prescritivo.

Seis Treinadores pensam utilizar Feedbacks Prescritivos, cinco deles Avaliativos, três Descritivos e um Interrogativos.

A maior utilização de Feedbacks Prescritivos e Avaliativos justifica a preocupação dos Treinadores, ao nível dos juízos de valor e da referência, e os critérios de êxito e/ou erros a não cometer. No trabalho com os jovens Atletas a escolha destas Categorias é, na visão dos Treinadores, a mais ajustada à retroacção das prestações dos Atletas.

2.8. Forma do Feedback

Nesta Dimensão, apenas duas Categorias foram focadas, e também, apenas, por dois Treinadores. Um referiu que iria utilizar Feedbacks Verbais e o outro Quinestésicos.

2.9. Reacção dos Atletas ao Feedback

Os Treinadores têm a noção que os Atletas, por estarem no treino por quererem e não por obrigação, esperam, quase sempre, uma boa atitude perante as suas intervenções. Assim, explica-se serem sete os Treinadores que esperam uma Reacção positiva do Atleta ao Feedback e só um espera uma Reacção negativa.

3. Relação entre as decisões pré-interactivas e o comportamento interactivo do Treinador

A relação entre as decisões pré-interactivas e o comportamento interactivo do Treinador será feita utilizando a técnica estatística não-paramétrica, o Qui-Quadrado, da qual apresentaremos o valor de F ratio e a probabilidade de erro que lhe corresponde.

Para aplicarmos o Qui-Quadrado, tivemos que transformar os dados retirados dos treinos numa escala nominal. Assim, recorreu-se a uma escala que distribuísse, de uma forma homogénea, os valores retirados da análise multidimensional do Feedback. A escala foi construída com apenas Treinadores valores, 1, 2 e 3, respectivamente. Aos valores até 30% foi atribuído o valor 1, entre 30% e 60% o valor 2 e maior que 60% o valor 3.

Nas Dimensões Estrutura do Treino e Reacção dos Atletas ao Feedback foi retirado o valor 2 pois não existiam dados nos treinos entre os 30% e os 60%.

Na Dimensão Objectivo do Feedback, como a distribuição dos valores foi mais homogénea, não se registou alterações na escala previamente definida.

A relação só foi feita nas Dimensões Estrutura do Treino, Objectivo do Feedback e Reacção dos Atletas ao Feedback, pois só estas é que foram motivo de observação no nosso estudo.

Dimensões	Categorias	1	2	3	P
Objectivo do Feedback	A	5	X	0	,0009119
	D	3	X	0	
	P	0	X	6	
	?	1	X	0	
Reacção dos Atletas ao Feedback	Positiva	0	X	7	,2254
	Negativa	1	X	0	
Estrutura do Treino	ANE	7	0	0	,1401
	PF	2	4	1	
	CS	2	2	1	
	JF	3	3	0	

Quadro 20 – Relação entre as decisões pré-interactivas e a fase interactiva, nas Dimensões Estrutura do Treino, Objectivo do Feedback e Reacção dos Atletas ao Feedback.

Na Dimensão Objectivo do Feedback encontrámos uma correlação significativa entre as decisões pré-interactivas e o comportamento interactivo do Treinador. Os dois grupos de Treinadores demonstraram ter uma ideia precisa sobre os Feedbacks que pensavam utilizar e aqueles que utilizaram. Apesar da imprevisibilidade de algumas prestações dos Atletas justificar adaptações às retroacções a utilizar, os Treinadores demonstraram preocupação em se prepararem para a maior parte das dificuldades que os Atletas poderiam apresentar durante a execução das tarefas no treino.

Não existe uma correlação significativa entre as decisões pré-interactivas e o comportamento interactivo do Treinador na Dimensão Reacção dos Atletas ao Feedback.

Nem sempre o treino tem o efeito sobre os Atletas que os Treinadores prevêem. O estado psicológico ou físico do Atleta influencia a sua Reacção ao treino. Nos Atletas jovens, o seu estado é muito imprevisível, devido à sua idade, pelo que é natural nem sempre se apresentarem nas condições que os Treinadores desejariam ou esperariam.

Januário (1992), no seu estudo acerca do Pensamento do Professor destaca a relação entre o pensamento do Professor antes da aula e aquilo que faz durante o seu decorrer.

Também não existe uma relação entre a estrutura do treino e aquela que o Treinador idealizou para esse mesmo treino.

Durante o treino, as diversas adaptações que os Treinadores fazem, consoante a Reacção dos Atletas, pode originar que algumas partes do treino sejam alteradas ou mesmo retiradas, em detrimento de outras. Muitas vezes, quando o Treinador planeia um treino, já coloca como hipótese que, consoante a prestação dos Atletas, possam existir alterações à estrutura do treino inicialmente previstas.

PARTE V

CONCLUSÕES

1. Resumo do estudo

Este estudo teve como objectivo a caracterização do Feedback Pedagógico, do Pensamento e Acção dos Treinadores de Andebol nos Escalões de Formação e da Reacção dos Atletas ao Feedback, consoante os conteúdos do treino e, também a comparação entre um grupo de Treinadores com formações e experiências profissionais diferenciadas.

Para aceder a este objectivo adoptámos uma metodologia que podemos classificar como descritiva, comparativa e correlacional. O processo de recolha de dados originou uma descrição da análise multidimensional do Feedback e da análise da entrevista, e possibilitou a comparação entre os dois grupos de Treinadores e a correlação entre o seu pensamento e a sua acção.

Foram seleccionados 2 treinos por equipa. Utilizámos 8 Treinadores. A nossa amostra ficou, assim, reduzida a 16 casos.

O sistema de observação que foi utilizado neste trabalho é derivado do FEED/ULG (Pieron e Devillers, 1980; Pieron e R. Delmelle, 1983; Pieron e V. Delmelle, 1983; Pieron, Neto e Carreiro da Costa, 1985; Guimarães, 1986; Rosado 1988; Carreiro da Costa, 1988) em que vão ser analisadas 5 Dimensões do Feedback: Conteúdo, Valor, Objectivo, Forma e Direcção.

Antes da filmagem do segundo treino foi efectuada uma entrevista ao Treinador, de forma a ficarmos na posse das variáveis pré-interactivas.

As perguntas da entrevista que utilizamos foram baseadas nas de Januário (1992).

2. Conclusões

Apresentamos as conclusões, recorrendo às hipóteses de pesquisa colocadas, procurando elaborar algumas das mais prementes.

HIPÓTESE 1 \Rightarrow Existem diferenças significativas entre os Treinadores Professores de Educação Física e os Treinadores, no que diz respeito à análise multidimensional do Feedback.

Esta hipótese não se confirma, na totalidade das Dimensões por nós estudadas, mas apenas em algumas delas. No entanto, encontrámos diferenças significativas em Dimensões que consideramos de grande importância: Dimensão Conteúdo e Dimensão Valor. Os Treinadores Professores de Educação Física fornecem mais Feedbacks Específicos Focados e Apropriados do que os Treinadores.

Também na Dimensão Objectivo, Categorias Prescritivo, na Atenção do Atleta, Categorias Atento e na Reacção do Atleta, Categorias Modifica o Comportamento Positivamente, os Treinadores Professores de Educação Física apresentam, sempre, uma taxa superior de Feedback/minuto. No entanto, nestas Categorias, os Treinadores apresentam valores elevados, em termos percentuais, quando comparados com as outras Categorias destas Dimensões.

Isto significa que, apesar das diferenças significativas entre os dois grupos de Treinadores, nestas Categorias, ambos demonstram uma grande preocupação em fornecer grandes quantidades de Feedbacks Específicos Focados e Apropriados, o que vai influenciar, positivamente, o desenvolvimento psicomotor dos Atletas.

Importa, também, referir que, apesar de encontrarmos diferenças significativas nestas Dimensões e Categorias, em quase todas as outras Dimensões e Categorias os Treinadores Professores de Educação Física apresentam valores mais elevados, em termos de Feedback/minuto, do que os Treinadores.

HIPÓTESE 2 \Rightarrow A Dimensão Conteúdo e Valor varia nas quatro situações do treino: na Prática dos Fundamentos, na Competição Simples (1x1, 2x2, etc.), na Competição Formal ou Completa (Jogo Formal) e nas actividades Não-Específicas.

Não conseguimos, com o nosso estudo, comprovar a hipótese de pesquisa 2.

Encontrámos, de facto, diferenças significativas em algumas Dimensões e Categorias entre as Actividades Não-Específicas e a outras partes.

Assim, parece que os dois grupos de Treinadores não diferenciam a sua intervenção, nas Dimensões Conteúdo e Valor, nas quatro situações de treino. É, no entanto, de realçar, que o Feedback Específico Focado e o Feedback Apropriado apresentam os seus valores mais elevados na Prática de Fundamentos.

Os Treinadores, durante os exercícios critério, estão sempre preocupados em intervir da forma mais correcta possível, pois é aí que têm mais facilidade em individualizar a retroacção e, ao mesmo tempo, sentem que nesta parte do treino os Atletas estão mais receptivos às correcções.

Para os Treinadores, nos Escalões de Formação, a Prática de Fundamentos, continua a ser a parte privilegiada para as correcções individuais, em detrimento do Jogo Formal ou mesmo da Competição Simples.

Como incluímos o aquecimento e o relaxamento nas Actividades Não-Específicas e estas, muitas vezes, ou são orientadas pelos Atletas, ou não têm uma intervenção directa por parte dos Treinadores, parece que as diferenças significativas encontradas, só o são entre as Actividades Não-Específicas e as restantes situações de treino.

HIPÓTESE 3 \Rightarrow Existem diferenças significativas entre os Treinadores Professores de Educação Física e os Treinadores, na relação entre as Dimensões Conteúdo e Valor e as diferentes parte do treino.

Não encontramos diferenças significativas, entre os dois grupos de Treinadores, nas Dimensões Conteúdo e Valor, nas quatro partes de treino por nós estudadas, pelo que esta hipótese de pesquisa não se confirma.

Independente das pequenas oscilações entre os valores, ambos os grupos de Treinadores demonstram preocupações semelhantes, durante o treino, no que se refere ao conteúdo e valor dos Feedbacks. Se recorremos ao que dissemos na conclusão da primeira hipótese, que ambos os grupos demonstram uma grande preocupação em fornecer grandes quantidades de Feedbacks Específicos Focados e Apropriados, podemos concluir que, para além de todos os Treinadores estarem sensibilizados para a importância do conteúdo e valor dos Feedbacks, quando os emitem, têm a preocupação que eles sejam específicos focados e apropriados, pois sabem, que só assim, é que o Atleta se pode desenvolver correctamente, em todas as suas vertentes.

HIPÓTESE 4 \Rightarrow Existem diferenças na Atenção e Reacção do Atleta ao Feedback, entre os dois grupos de Treinadores.

Esta hipótese foi parcialmente confirmada pois encontramos diferenças significativas na Categorias Atento e na Categorias Modifica o Comportamento Positivamente. Em ambas as Categorias, os Treinadores Professores de Educação Física apresentam valores mais elevados em termos de taxa de Feedback/minuto. Em termos percentuais, ambos os grupos apresentam os valores mais elevados nestas Categorias.

Os Treinadores de Andebol conseguem que os Atletas estejam atentos e reajam positivamente às retroacções porque, ao contrário das aulas de Educação Física, no treino, os Atletas estão lá porque querem e não porque são obrigados, o que influencia a sua maneira de estar e eleva a sua disponibilidade para a aprendizagem.

HIPÓTESE 5 \Rightarrow Existem diferenças na taxa de Feedback/minuto, entre os dois grupos de Treinadores.

Encontrámos diferenças significativas entre os dois grupos.

Os Treinadores Professores de Educação Física têm uma taxa de Feedback/minuto superior à dos Treinadores.

Como temos visto a referenciar durante este estudo, em quase todas as Dimensões e categorias, a taxa de Feedback/minuto é superior nos Treinadores Professores de Educação Física.

Apesar de ambos os grupos estarem sensibilizados para a importância da qualidade do Feedback da relação pedagógica entre Treinador e Atleta, parece-nos que os Treinadores Professores de Educação Física, devido à sua formação pedagógica, estão mais sensibilizados para a importância da quantidade de Feedbacks a emitir por minuto, pois os estudos sobre o Feedback na Educação Física realçam este mesmo aspecto.

HIPÓTESE 6 \Rightarrow Existe relação entre o que o Treinador pensa, antes do treino e aquilo que ele faz, durante o treino.

Das três Categorias por nós estudadas, referentes a esta hipótese de pesquisa, apenas encontrámos uma relação entre as decisões pré-interactivas e o comportamento interactivo do Treinador na Categoria Objectivo do Feedback.

Apesar da imprevisibilidade de algumas prestações dos Atletas, os Treinadores demonstram preocupação em se prepararem para a maior parte das dificuldades que os Atletas podem apresentar durante a execução das tarefas no treino.

Surpreendente, foi o facto de o treino nem sempre ter o efeito sobre os Atletas que os Treinadores prevêem, assim como também não existir uma relação entre a estrutura do treino e aquela que o Treinador idealizou para esse mesmo treino.

Durante a fase pré-interactiva do treino, o Treinador tenta levantar o maior número de hipóteses possível, de forma a combater, ao máximo, a imprevisibilidade inerente ao processo ensino-aprendizagem. Assim, a relação entre as decisões pré-interactivas e interactivas também tem que ser feita ao nível de todas as decisões pré-interactivas alternativas que o Treinador prevê. O facto de o treino nem sempre ter o efeito sobre os Atletas que os Treinadores prevêem ou não existir uma relação entre a estrutura do treino e aquela que o Treinador idealizou para esse mesmo treino pode, por exemplo, ser incluído nas decisões pré-interactivas alternativas.

Deste modo, parece-nos que os resultados apontam para a importância que as decisões pré-interactivas podem ter no processo pedagógico.

Podemos, então, concluir que o estudo sobre o pensamento do Treinador e a sua posterior confrontação com aquilo que se passa no treino, deverá continuar a originar uma reflexão sobre a influência das decisões pré-interactivas na fase interactiva no treino desportivo, e como interpretar estas mesmas influências.

Em termos de conclusão geral, gostaríamos de dizer que pensamos ter conseguido realçar a importância do Feedback e das decisões pré-interactivas inerentes, no treino desportivo. Pensamos, de alguma forma, termos contribuído para esclarecer a importância da formação dos Treinadores nas intervenções no treino, especificamente, o Feedback.

3. Recomendações

Considerando o domínio em que foi efectuado, e de acordo com as conclusões e limitações percebidas durante o desenrolar da pesquisa, este estudo conseguiu identificar a influência de diferentes formações profissionais na utilização do Feedback durante os treinos, bem como relacionar o pensamento do Treinador com a sua acção no treino.

No entanto, e baseado nos nossos resultados, poderíamos fazer as seguintes recomendações para futuras investigações científicas no âmbito do treino desportivo:

1. Os resultados verificados vêm reforçar a necessidade de aprofundar os estudos sobre o Feedback ao nível do treino desportivo.
2. Aprofundar as consequências do Conteúdo e Valor dos Feedbacks nas prestações dos Atletas em treinos consequentes.
3. O sistema de observação utilizado neste estudo não se mostrou adaptado a uma análise aprofundada das Acções e Reacções dos Atletas ao Feedback. Pensamos que uma reflexão sobre estas duas Dimensões será importante.
4. Alargar à competição as consequências dos Feedbacks emitidos no treino.
5. Analisar, com outra profundidade, a influência da formação profissional na relação pedagógica entre Treinador e Atleta.
6. As decisões pré-interactivas têm influência na eficácia das intervenções dos Treinadores nos treinos. Há que aprofundar esta vertente da investigação.

As recomendações aqui sugeridas revelam, apenas, alguns dos problemas que se nos afiguram de virem a ser abordados pela investigação científica.

Esperamos prolongar a nossa investigação, de forma a podermos explicitar outras implicações do presente estudo.

PARTE VI

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Adams, J. (1971). A closed-loop theory of motor learning. *Journal of motor behavior*, 3, 111-149.
- Bardin, L. (1977). *Análise de Conteúdo*. Edições 70. Lisboa.
- Barr, P. (1978). The effects of instruction and supervision in interaction analysis on coaching behaviors. Unpublished Master's Thesis. Ithaca College.
- Bennett, N. (1978). Recent research on teaching: A dream, a belief, anda a model. *Journal of Education*, 160, 3, 5-37.
- Berliner, D. (1986). In pursuit of the expert pedagogue. *Educational Research*, 15, 5-13.
- Bloom, B. (1979). *Caractéristiques individuelles et apprentissages scolaires*. Ed. Labor. Bruxelles.
- Bogban, R, & Biklen, S. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação*. Porto Editora. Porto
- Carreiro da Costa, F. (1988). *O Sucesso Pedagógico em Educação Física. Estudo das condições e factores de ensino-aprendizagem associados ao êxito numa unidade de ensino. Volume I e II. Tese de Doutoramento não publicada. UTL-ISEF. Lisboa.*
- Carreiro da Costa, F. (1991). A Investigação sobre a Eficácia Pedagógica. *Inovação*, 4, 1, 9-27.

- Carroll, J. (1963). A model of school learning. *Teachers College Record*, 64, 723-733.
- Clark, C. & Yinger, R. (1987). *Teacher Planning*. J. Calderhead (ed) *Exploring Teachers' Thinking*. London.
- Gentile, A. (1972). A working model of skill acquisition with application to teaching. *Quest*, 17, 3-23.
- Gonçalves, C. (1985). *Perfis de comportamentos de comunicação e participação em situações de ensino e treino*. Tese de Mestrado não publicada. UTL-ISEF. Lisboa.
- Goc-Karp, G. & Zakrajsek, D. (1987). Planning for Learning. Theory into Practice?, *Journal of Teaching in Physical Education*, 6, 377-392.
- Graber, K. (1995). The Influence of Teacher Education Programs on the Beliefs of Student Teachers: General Pedagogical Knowledge, Pedagogical Content Knowledge and Teacher Education Course Work. *Journal of Teaching in Physical Education*, 14, 179-197.
- Griffey, D. & Housner, L. (1991). Differences between experienced and inexperienced teachers' planning decisions, interactions, student engagement and instructional time. *Research Quarterly for Exercise and Sport*, 62, 196-204.
- Guimarães, A. (1986). *Estudo da variabilidade do feed-back de um Professor em dois contextos análogos e num terceiro diferenciado*. Tese de Mestrado não publicada. UTL-ISEF. Lisboa.
- Hoffman, S. (1983). Clinical diagnosis as a pedagogical skill. In, T. Templin & J. Olson (Eds.), *Teaching in Physical education*. Champaign, IL: Human Kinetics, 35-45.

- Housner, L. & Griffey, D. (1985). Teacher Cognition: Differences in planning and interactive decision making between experienced and inexperienced teachers. *Research Quarterly for Exercise and sport*, 56, 45-53.
- Januário, C. (1992). O Pensamento do Professor. Relação entre as decisões pré-interactivas e os comportamentos interactivos de Ensino em Educação Física. Tese de Doutoramento não publicada. UTL-FMH. Lisboa.
- Jones, D.; Housner, L. & Kornspan, A. (1997). Interactive Decision making and Behavior of Experienced and Inexperienced Basketball Coaches During Practice. *Journal of Teaching in Physical Education*, 16, 454-468.
- Lessard-Herbert, M.; Goyette, G. & Boutin, G. (1990). Investigação Qualitativa: Fundamentos e Práticas. Instituto Piaget. Lisboa.
- Levie, W. & Dickie, K. (1973). The analysis and application of media. R. Travers (Eds.), second handbook of research on teaching. Chicago: Rand McNally.
- Livingston, C. & Borko, H. (1987). Expert-Novice Differences in Teaching: A Cognitive Analysis and Implications for Teacher Education. *Journal of Teacher Education*, 40, 4, 36-42.
- Markland, R. & Martinek, T. (1988). Descriptive Analysis of Coach Augmented Feedback Given to High School Varsity Female Volleyball Players. *Journal of Teaching Physical Education*, 7, 289-301.

- Marczinka, Z. (1993). *Playing Handball. A comprehensive study of the game*. I.H.F. Hungria, Budapeste.
- Martens, R. (1996). *Successful Coaching*. Human Kinetics. Champaign.
- Mertler, C. (1989). *The use of behavior modification techniques in a sport environment*. Unpublished Doctoral Dissertation. Ohio State University.
- Milho, C. (1994). *Estudo comparativo do comportamento do Professor, do Treinador de Formação e do Treinador de Seniores, em sessões de Andebol*. Monografia não publicada. UTL-FMH. Lisboa.
- Moreira, M. (1995). *Uma Ciência fundamental para os Treinadores de Escalões Jovens*. Andebol Revista, Novembro, 25-30.
- Moser, T. (1994). *Treino da Técnica. Sem Feedback não há aprendizagem*. Revista Horizonte, 59, 189-195.
- Mosston, M. & Ashworth, S. (1986). *Teaching Physical Education*. Merriill Publishing Company. Ohio.
- Pieron, M. & Devillers, C. (1980). "Multidimensional analysis of informative feedback in physical education", in G. Schilling & W. Baur (Eds), *Audiovisuelle Medien in Sport*, Basel, Birkhauser, Verlag, 277-284.
- Pieron, M. & Cloes, M. (1981). *Interactions between teachers and students in selected sports activities: The student as a starting point*. Artus (Rio de Janeiro), 9/11, 185-188.

- Pieron, M. & Delmelle, R. (1982). Augmented feedback in teaching physical education: Responses from the students. In Piéron, M. & Cheffers, J. (Eds.), *Studying the teaching in physical education*. Liège: AIESEP, 141-150.
- Pieron, M. & Delmelle V. (1983). Les réactions à la prestation d'élève. Etude dans l'enseignement de la danse moderne. *Revue de l'éducation physique*, 23, 4, 35-41.
- Pieron, M. & Delmelle, R. (1983). Le retour d'information dans l'enseignement des activités physiques. *Motricité Humaine*, 1, 12-17.
- Pieron, M. & Geoaris, A. (1983). Comportements d'enseignants et interactions avec leurs élèves, observation dans l'enseignement de la «moderne danse». *Revue de l'Education Physique*, 23, 4, 42-45.
- Pieron, M.; Neto, C.; Carreiro da Costa, F. (1985). La retroaction (feedback) dans des situations d'enseignement en gymnastique et en basket-ball. *Motricidade Humana*, 1, 1, 25-33.
- Pieron, M. & Bozzi, G. (1988). La relation pédagogique d'entraînement. Etude en Basket-Ball. *Sport*, 122, 18-24.
- Pieron, M. & Renson, D. (1988). La relation pédagogique d'entraînement. Etude en Football. *Sport*, 122, 25-30.
- Pieron, M. (1982). Effectiveness of teaching a psychomotor task. Study in a micro-teaching setting. *A.I.E.S.E.P.*, 79-89.
- Pieron, M. (1988). La relation pédagogique d'entraînement. *Sport*, 122, 12-17.

- Pieron, M. (1993). *Analyser l'Enseignant pour mieux Enseigner*. Editions Revue EP.S. Belgique.
- Quina, J. (1993). *Análise da informação evocada pelos Atletas em aulas de Educação-Física*. Tese de Mestrado não publicada. UTL-FMH. Lisboa.
- Quivy, R. & Campenhoudt, L. (1992). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Edições Gradiva. Lisboa.
- Ribeiro, M. (1996). *O Ensino do Andebol na Escola*. Câmara Municipal de Oeiras. Lisboa.
- Rodrigues, J. & Pina, R. (1994). Os episódios de informação do Treinador e a Reacção dos Atletas numa situação de competição em voleibol. *Ludens*, 14, 4, 47-49.
- Rodrigues, J. & Pina, R. (1996). The Coach Behaviour in Competition. Instructional Analysis on Top Volleyball Coaches. Prelecção no 7º Congresso Europeu ICHPER-SD - Active Living: from school to community. Coimbra.
- Rodrigues, J. (1989). *Análise do Feedback Pedagógico e da Reacção do Atleta. Diferenças entre Professores estagiários, Professores profissionalizados e Treinadores em situações semi-controladas de ensino do Voleibol*. Tese de Mestrado não publicada. UTL-FMH. Lisboa.
- Rodrigues, J. (1995). *O Comportamento do Treinador*. Tese de Doutoramento não publicada. UTL-FMH. Lisboa.

- Rodrigues, J. (1997). Os Treinadores de Sucesso. Estudo da Influência do Objectivo dos Treinos e do Nível de Prática dos Atletas na Actividade Pedagógica do Treinador de Voleibol. Edições FMH. Lisboa.
- Rosado, A. (1988). Análise Multidimensional do Feedback Pedagógico - Comparação de 2 grupos de Professores com especializações diferenciadas no ensino de Saltos em Atletismo. Tese de Mestrado não publicada. UTL-ISEF. Lisboa.
- Rosado, A. (1995). Observação e Reacção à Prestação Motora. Estudo da competência de diagnóstico e prescrição pedagógica em tarefas características do Atletismo. Tese de Doutoramento não publicada. UTL-FMH. Lisboa.
- Rupert, T. & Buschner, C. (1989). Teaching and Coaching: a comparison of instructional behaviors. *Journal of Teaching in Physical Education*, vol.9, Nº 1, pp. 49-57.
- Saraiva, C. (1997). Análise das Decisões Pré e Pós-Interactivas em Professores com níveis diferenciados de domínio da Matéria de Ensino. Tese de Mestrado não publicada. UTL-FMH. Lisboa.
- Sarmiento, P. e outros (1993). *Pedagogia do Desporto II. Instrumentos de Observação Sistemática da Educação Física e Desporto*. 2ª Edição. Edições FMH. Lisboa.
- Siedentop, D. & Eldar, E. (1989). Expertise, experience and effectiveness. *Journal of Teaching in Physical Education*, 8, 254-260.
- Siedentop, D. (1983). *Developing Teaching Skills in Physical Education*. Mayfield Publishing Company. Mountain View.
- Singer, R. & Dick, W. (1974). *Teaching physical education. A systems approach*. Bostan. M.A.: Houghton Mifflin Cy.

Smith, R; Smoll, B & Hunt, E. (1977). “A system for behavioral assessment of athletic coaches”, in Research Quarterly, 48, 401-407.

Tochon, F. (1989). A Quoi Pensent les Enseignants Quand ils Planifient Leurs Cours?.
Révue Française de Pédagogie, 86, 23-33.

Anexos